

# FÁCIL DIFÍCIL DIFÍCIL FÁCIL DIFÍCIL FÁCIL DIFÍCIL

PONTOS DE VISTA

MARCELO PERRONE

**Marcelo Perrone Campos** é artista plástico, ilustrador, poeta e prosador. Nasceu em 26 de março de 1958, em Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro. Publicou *Eu/Tu Poema* (livrete artesanal), 1980; *Corpo mineral* (poema-folha), 1981; *A cadeira sobre o assoalho* (poema-folha), 1981; *Contos/Poesia/Teatro* (trilogia), publicação do Centro Gráfico do Senado Federal, 1988. Em Brasília, produziu o programa semanal "Entrelivros" (Rádio Cultura/FM), 1990.

CONTRATO N° 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF  
UP A/C CÂMARA LEGISLATIVA  
IMPRESSO

**DF LETRAS**  
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA  
ANO VII  
Nº 82/90  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



No Século XXI

**Câmara Legislativa do Distrito**

**Presidente**

**Gim Argello**

**Vice-Presidente**

**Edimar Pireneus**

**1º Secretário**

**Maria José Maninha**

**2º Secretário**

**Carlos Xavier**

**3º Secretário**

**Conselho Editorial:** Francisco Gustavo de Castro

Dourado, Afonso Ligório Pires de Carvalho, Margarida

Patriota, João Henrique Serra Azul, José Ferreira Simões,

Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, José Prates,

Gracia Cantanhede, José Geraldo Pires de Mello, Luiz

Gonzaga Rocha, Diniz Felix dos Santos, Romário Schettin,

João Vianney C. Nuto, Marco Túlio Lustosa de Alencar.

**Coordenador de Editoração e Produção Gráfica:** Randal

Junqueira. **Assistente da Coordenadoria:** Wellington M.

Oliveira. **Editor DF Letras:** Luis Turiba. **Programação**

**Visual:** Marcos Lisboa. **Editoração Eletrônica:** Apolo

Guandalini. **Fotografia:** Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos

Gandra, Rinaldo Morelli, SETUR e EMBRATUR. **Revisão:**

Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar, José

Afonso de Sousa Camboim e Vania Maria Rego Codeço.

**Digitação:** Gilberto Lucas. **Chefe da Seção de Editoração:**

Valéria Castanho. **Equipe:** Ana Beatriz Caçador, Antônio

Eufrauzino, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone,

Marizete Amaro, Nelci Stein e Oscar Monterrojas. **Chefe**

**da Seção de Produção Gráfica:** Pedro Victor de Senna

Rodrigues. **Equipe:** Antônio A. dos Santos, Carlos A. de

Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas,

Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Guilherme Bacalhao,

Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, João Batista Neto,

**Tiragem:**

5 mil exemplares.

Esta edição comprehende os números 82/90, meses de março a dezembro/2001.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.



**Câmara Legislativa do Distrito Federal**

SAIN - Parque Rural - CEP 70086-900 - Brasília-DF - Fone: (061) 348-8000

**DF Letras**

Câmara Legislativa do DF  
SAIN - Parque Rural  
Brasília - DF - CEP 70086-900

# Cartas

**Sr. Editor,**

Gostaria de ganhar 2 exemplares da revista DF Letras, pois sou estudante e gosto muito de ler. Encantei-me com a revista e pedi o endereço a minha professora, na expectativa de recebê-la em breve.

Sandra Ramos dos Santos / MT

**Sr. Editor,**

Saúde e paz!

Quero apresentar minhas congratulações a todos pelo tão conceituado trabalho editorial. Agradeço pelo envio da revista e parabéns pelas tão envolventes páginas de cultura.

Maria Betânia K. Andrade / BA

**Sr. Editor,**

Mais de meia década de DF Letras!

Foi bom demais, era tão nova, um simples folheto! Hoje, com toda esta beleza, charme, inteligência, está cada vez melhor! Em várias cidades por onde passei, solicitei a DF Letras.

Gostaria de receber alguns exemplares das últimas revistas, se possível, pois a beleza das poesias serve de inspiração para a turma.

Profa. Aurea / MT

**Sr. Editor,**

Ratificamos, por meio desta, correspondência de fevereiro de 2000, na qual mostramos o nosso interesse em continuar recebendo exemplares das edições da revista DF Letras.

Solicitamos a Vossa Senhoria o envio de tais revistas pelo fato de estarmos cientes de que as mesmas são valiosas e enriquecedoras, servindo assim aos nossos professores e alunos.

Esperamos, portanto, contar com a colaboração de Vossa Senhoria no atendimento ao nosso pedido e, desde já, agradecemos.

Profa. Olenice Pires Sobrinho / GO

**Sr. Editor,**

Sou aluna do Colégio Estadual Higino da Silveira em Teresópolis no Rio de Janeiro. Meu nome é Marlucia Ribeiro de Moraes, tenho 13 anos, estou na 6ª série, turma 602. No colégio estamos fazendo um trabalho sobre folclore; por isso escrevo a vocês, solicitando que nos enviem as informações disponíveis sobre o assunto para enriquecer nosso trabalho. A resposta pode ser enviada ao Colégio Estadual Higino da Silveira, em Teresópolis. Nossso interesse é folclore,

Vídeos; Internet e shows com bandas rock e pop.

Independente do evento, li comentário do QI de Edgar Guimarães sobre essa publicação e fiquei supercurioso para conhecê-la! O que faço para obter um exemplar dela? Agradeço a atenção e fico ao dispor de vocês. Forte abraço. Jenuíno André / PB

**Sr. Editor,**

É com imensa satisfação que lhes escrevo para solicitar informações a respeito da revista DF Letras, da qual gostaria de participar, pois já publiquei minhas poesias em alguns livros. Espero receber resposta em breve.

Emilson Batista Caludino / GO

**Sr. Editor,**

É com alegria que venho lhe comunicar que está a sua disposição um novo serviço da Antologia Del'Secchi (Antologia Literária Internacional). Além de ter a possibilidade de conhecer um dos volumes anteriores da Antologia, ou um dos livros publicados para autores participantes da mesma, você poderá também optar pelo recebimento de outras obras, em prosa e verso, e também de algumas outras antologias. Estou oferecendo esses livros em troca de selos postais no valor de R\$ 8,00, por exemplar.

Seu apoio será de inestimável valia para a manutenção da vasta rede de comunicações que esta Antologia conseguiu estabelecer entre os poetas e escritores residentes em todo o Brasil.

Contando com você, renovo meus protestos de estima e admiração, enviando-lhe minhas fraternas saudações.

Roberto de Castro Del'Secchi / RJ

**Sr. Editor,**

Gostaria de agradecer o envio da revista DF Letras. Gostei muito do conteúdo!!! A matéria sobre Margarida Patriota está perfeita.

A matéria do Senhor Joilson Portocalio é de uma forte expressão, pena que a classe superior não tenha uma visão aberta e evolutiva como a do senhor Joilson... Os poemas também marcaram muito.

Alá! As dicas dos livros possuem uma forte referência para quem não tem tanto conhecimento, além disso dá ao escritor uma oportunidade de mostrar sua arte.

Bom! O que mais gostei foi o conto de Affonso Heliodoro (Quarto Minguante).

O autor revela em sua arte o amor pela bela Brasília... Fico feliz em observar que em nossa Brasília há grandes escritores, poetas, moradores do imaginário das palavras.

Muito obrigado pela revista...!!!

# Amo este povo brasileiro rude

ANTÔNIO CARLOS OSÓRIO

**Transforma-se o amador na coisa amada  
Por virtude do muito imaginar.**

(Camões, Soneto).

Amo este povo brasileiro rude  
ruidoso rompendo rotas e futuros  
faminto de carne - Deus e de grandeza

Amo este povo alegre e barulhento  
poeta de um existir valente  
talhado pelo sol  
a construir espaços  
e a modelar ventos.

Amo este povo brasileiro rude  
onde quer que o encontre  
- e quero encontrá-lo cada vez mais -  
nos canteiros de obras e nas fábricas  
nas ruas e nos campos  
nos vilarejos e nas profitópolis  
nas igrejas e nas escolas de samba  
nas lapas dos milagres e nos botequins.

Gosto de sentir o cheiro escuro de seu suor  
suor que há tanto lavra esta enorme terra sua.

Amo este povo brasileiro rude  
gosto de ouvir sua risada aberta e desdentada  
quente acalentando coração magoado.

Amo este povo que bebe cachaça com seus beiços sujos  
e não sabe o que é soufflé, stroganoff ou filet au poivre  
e jamais provará hors d'oeuvre.  
Seu apetite voraz come farinha e carne de sol a tentar  
matar fome de séculos.

Amo este povo brasileiro rude  
gosto devê-lo possante em sua imensa multiplicidade  
Amo a sua coragem de viver com alegria  
e sua fé em Deus e nas Nossas Senhoras dos Milagres.

Esconde os olhos cansados  
quando reza nas folias  
com seus cantos mata a fome  
com rezações, endemias  
tantos santos!  
tantos dias!

Amo sorver seus passos  
nos campos largos, nas barcaças, nos motores montarias  
nos cavaleiros das caatingas  
nos remares longos pelos rios em calmaria  
no matraquear das fábricas lutando com o monstro cuja  
estranya língua ignora.

Amo este povo brasileiro rude.

Eu amo este povo, rude brasileiro  
amo a sua insaciável esperança  
frustrada até agora sempre  
  
pelos políticos das secas  
pelos burocratas de gravata borboleta  
pelos democratas das liberdades dos  
negócios pardos  
pelos capitães do mato a apresá-lo gato  
e a gastá-lo de esqueleto.

Amo o seu sangue e esta cor do velho sangue  
cor da mesma terra antiga bela  
pintada por épica paleta na preta ventretela.

Amo este povo brasileiro rude  
e quero amá-lo cada vez mais, em abraço que me abrase  
  
no futuro másculo que vai construir  
em músculo retesado e coração de pomba.

Amo este povo, rude brasileiro  
Amo este povo brasileiro rude.

**Antônio Carlos Osório** nasceu em Quaraí (RS). Chegou em Goiás em 1956, passando pelo Rio de Janeiro e ficando em Brasília, onde se casou, e reside há mais de 40 anos. É bacharel em Direito e presidente da Academia Brasiliense de Letras. Publicou vários livros, entre eles, O silêncio e suas raízes - poesia, prêmio Olavo Bilac 1993, da ABL e Peço a palavra pela ordem - ensaios e contos, prêmio Aníbal Freire 1994, também da ABL.



# Um brinde à cultura em Brasília

No decorrer da atual legislatura, a Câmara Legislativa do DF apoiou inúmeras iniciativas artísticas e culturais de diversos segmentos de Brasília. Os exemplos pulsam e se multiplicam.

O plenário da CLDF recebeu em novembro de 2001 a banda de rock brasiliense Capital Inicial. Seus integrantes foram homenageados com o título de Cidadão Honorário de Brasília, por iniciativa da deputada Maria José Maninha.

Elaboramos a Lei das Artes Plásticas para prédios públicos, tornando obrigatória a existência de obras de arte em praças ou edifícios com mais de mil metros quadrados, públicos ou privados, a serem construídos em Brasília. Muitas construtoras estão colocando em prática a lei e um novo mercado para os artistas plásticos começa a se consolidar.

Distribuímos em dezembro o Prêmio Câmara Legislativa para o Cinema Brasiliense, durante o 34º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Este é o maior prêmio do cinema brasiliense.

O filme "O Casamento de Louise", de Betse de Paula, foi escolhido como melhor longa-metragem e ficou com o prêmio de R\$ 50 mil. Foram premiados também o melhor curta de 35 mm e o melhor curta de 16 mm.

Publicamos cinco exemplares da revista DF Letras, em que foram abordados diversos temas, com muita ênfase para a poesia brasiliense.

Realizamos o seminário Brasília: Memória e Cultura, em que a CLDF mostrou à sociedade as melhores maneiras de preservar Brasília, como patrimônio cultural e histórico da humanidade.

Entre as visitas ilustres, tivemos o prazer de receber para uma sessão solene o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, mundialmente conhecido, que expôs, em Brasília, o seu trabalho "Exodus", a saga da reorganização das famílias no fim do século em todo o mundo.

No final de 2001, iniciamos um debate sobre a implantação de uma Lei de Incentivo à Cultura no DF. Das diversas reuniões participaram deputados distritais, artistas e produtores culturais, a secretaria de Cultura, Luiza Dornas, e um representante do secretário de Fazenda, Valdivino de Oliveira.

Ao contrário do que se pensa, o debate não se encerrou com o fim do ano. Ele prossegue e se amplia, pois uma lei de cultura para a nossa cidade só vingará se for suprapartidária, estando acima de ideologias e interesses pequenos. Precisamos, sim, do apoio fundamental e irrestrito do Executivo, para tirarmos essa lei do papel.

Ao publicarmos este número especial da DF Letras - dedicado à poesia pura, sincera e instigante - queremos fazer um brinde à cultura em Brasília, uma capital de arquitetura singular, de curvas sinuosas e beleza imponente.

Critemos um viva!!! Ainda vivemos o sonho de JK, acalentado desde a década de 50. Vamos avançar no sentido de aglutinar a efervescente empreendedorismo e poética de Brasília. Convido você, leitor, a degustar essa grande salada poética da DF Letras.

**Gim Argello**

Deputado distrital pelo PMDB-DF  
e Presidente da Câmara Legislativa

# CASA DAS PA

AMARGEDOM

CASSIANO NUNES

(À Dra. Nise da Silveira, naturalmente)

Também um dia, um tempo,  
conheci a demência,  
para não ser ou não me sentir  
superior aos outros.

Na masmorra da angústia  
fui lançado de repente,  
para reconhecer  
a herança da nossa miséria,  
os vínculos fraternos.

O que me falta ainda  
para ser humilde?

Nessas horas, nesses anos de tortura,  
despossuído de mim

- Só. -

eu temia

a ausência de um teto,  
da proteção das paredes,  
de um espaço de paz...

Não sabia que existias,  
Casa das Palmeiras,  
na Pátria dos sabiás.

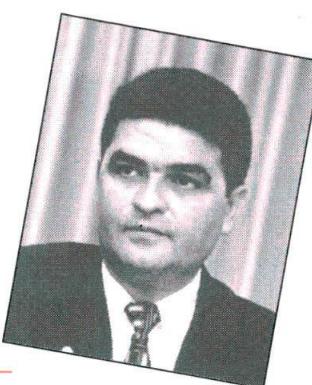


## EU SOU UM EM MIM

EU SOU SIM POR QUE NÃO?!  
EU SOU NÃO PORQUE SIM

## EU SOMOS SETE EM MIM

Gustavo Dourado, conhecido como Amargedom, é baiano de Irecê. É professor, produtor cultural, assessor de Literatura da Fundação Cultural do DF e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do DF, repentista e cordelista. Publicou oito livros, entre eles Línguatomo, poesia e folhetos. Participa de diversas antologias, jornais e revistas. É licenciado em Letras pela UnB.



# Itinerário dos versos

JOANYR DE OLIVEIRA



Joanyr de Oliveira,

formado em Teologia, no Rio de Janeiro e em Direito (UDF), é pioneiro da UnB, onde iniciou os cursos de Letras Brasileiras e Filosofia Pura. Joanyr é jornalista e foi autor da primeira obra literária editada na Nova Capital. Escreve poemas desde os 13 anos. Autor de mais de 20 livros, de poemas, contos, prosa, participa de antologias e outras publicações no Brasil e exterior. Obteve mais de 30 destaque literários. Chegou em Brasília em 1960, como revisor da Imprensa Nacional.

Os primeiros versos desciam sofridos de estiletes, de pontas, de penas, do lápis acossado pelas lâminas.

(A caligrafia navegava suspiros e conduzia os editos dos reis.)

A caneta embebedava-se no tinteiro e o saldo de seu trabalho era mínimo...

Insone, o progresso maquinou mais. O tinteiro aninhou-se no ventre da caneta, na conjunção mais ruidosa da História.

Depois, veio a máquina de casar letras. (Os olhos bendisseram o milagre, e sorriram.) Os versos aprenderam a correr sem renunciar a sua dignidade.

Um dia, as correntes elétricas adentraram o corpo da máquina - a velocidade a cavalgar os fios e plugues - e as palavras se converteram em flechas.

Hoje, há uma caixa de pensamentos obediente aos dedos e ao espírito. (Os versos caminham na tela como pássaros misteriosos.) Solícita, regista, transpõe e adverte; transmuda, espraia e elimina quimeras e esboços, num átimo e na mais perfeita humildade deste mundo!

O século Vinte-e-um bate à porta com amplos sonhos em aço, fibra, pilhas, raio leiser e outros elementos ainda nas conchas dos ventos. Logo estaremos a incrustar nas nuvens os mais altos e fulgurantes poemas.

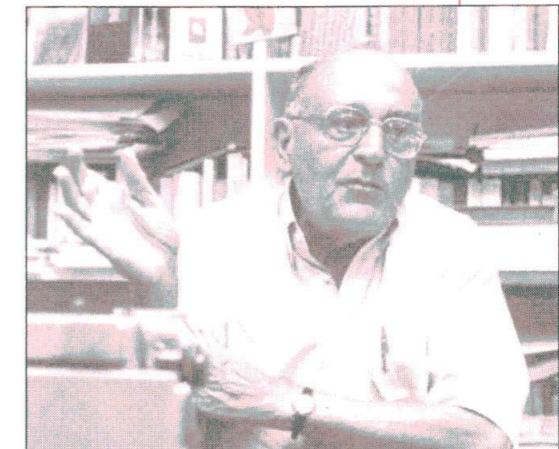
# L MEIRAS

Acolhe-me caridosamente, deixa-me viver os últimos dias na companhia dos meus irmãos mais simples. Os renegados. Os bem-aventurados.

Que eu fique com eles em convívio amoroso, até que chegue o sono em que a poesia acaba.



CASSIANO

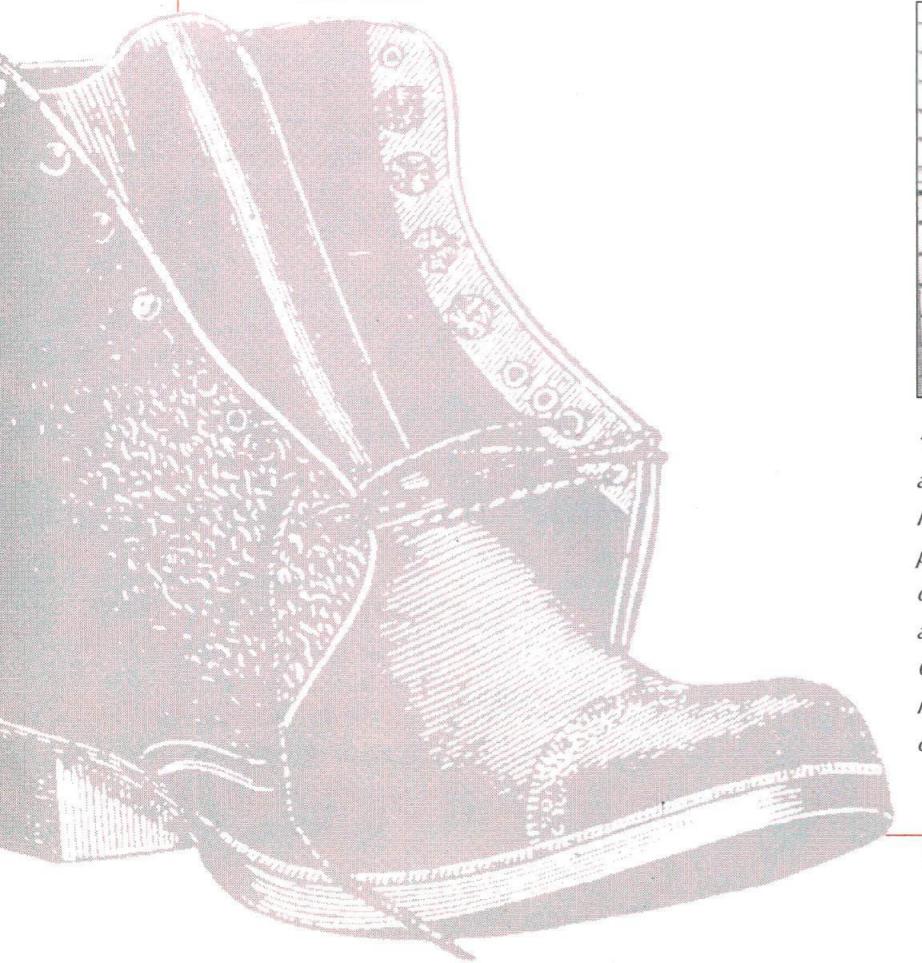


Cassiano Nunes, nascido em Santos, em 1921, é de origem portuguesa e conheceu a literatura lusa antes da brasileira. Chegou a Brasília em 1966, incentivado pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, para lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Brasília. Ligado às tendências modernistas e intelectual nato, Cassiano fez-se editor de prestígio reconhecido em São Paulo nos anos cinqüenta. Trabalhou por dez anos na Editora Saraiva e, no ambiente literário, estreitou relacionamento com Drummond, Manuel Bandeira, Mário e Oswald de Andrade. Formou-se na Universidade de São Paulo, em Letras Anglo-Germânicas e, como bolsista, estudou literatura norte-americana nos Estados Unidos. Cassiano é unanimidade quando o assunto é poesia de excelência. Prestes a completar 80 anos, não deixa de participar dos eventos culturais da capital.

# Sobrevivência

CHICO DIAS

Vai graxa, doutor?  
Engraxa,  
porque senão a mão acha  
outra forma de achar.  
Engraxa, doutor,  
porque de tarde,  
atrás da caixa,  
eu respeito o senhor.  
Mas de noite, doutor?  
No escuro, doutor?  
Com fome, doutor?  
Engraxa por favor.



"A poesia eu descobri em Porto Velho, minha terra, ainda garoto. E ela me veio pelas mãos de meu pai, até hoje para mim exímio declamador. Ao longo da vida, pelo exercício da militância política e do jornalismo, descobri que poesia, antes de mais nada, é denúncia. E assim é que passei a usá-la, desde os tempos do velho CPC-UNE. E é assim que, de vez em quando, continuo me valendo dela. Por isto, mais que poeta, me considero um repórter do verso".

Chico Dias

DF LETRAS

REYNALDO JARDIM

# Yin, Yang, Jung

"Um poema de Reynaldo Jardim é sempre uma surpresa", escreveu o ator Ari Pararaios sobre o poeta que criou o Caderno B do Jornal do Brasil e revolucionou o jornalismo artístico e cultural. Aliás, Reynaldo vem reciclando a poesia brasileira desde o início dos anos 50.

DF LETRAS

Ternuras, pâncreas, temores, sumos que a estrela destila. Sutilezas de rumores: águas quebradas, argila.

Assim surgido de chofre, rasgando véus e cortinas: arde queimando de enxofre, cavalo de seda e crinas.

E não pasta, antes voeja, desasado de plumagem. Beijando (faz que não beija) o céu da perdida imagem.

Vaca que a si mesma aleita, faca em ferrugem no rio. Lacre na carta suspeita, prazer anterior ao cio.

Arqueologia da imagem grafada a ouro no leite. Lâmina d'água, paisagem, Vela queimando no azeite.

Eis que bóia assassinada (faca impune ao horizonte) no pasto a vaca sangrada: inútil estrela na fronte.

Prazer que se faz ciúme, o outro em lugar do eu. Carícia, mais que perfume, o lucro de quem perdeu.

O peixe na frigideira, ovo estrelado, celeste. Águas silvestres, ribeiras, flores no púbis do agreste.

Espelho de imagem baça, amor se faz estilhaço. O que era um já não passa do outro dentro do abraço.

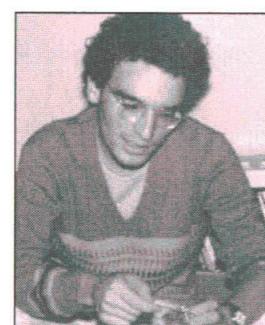
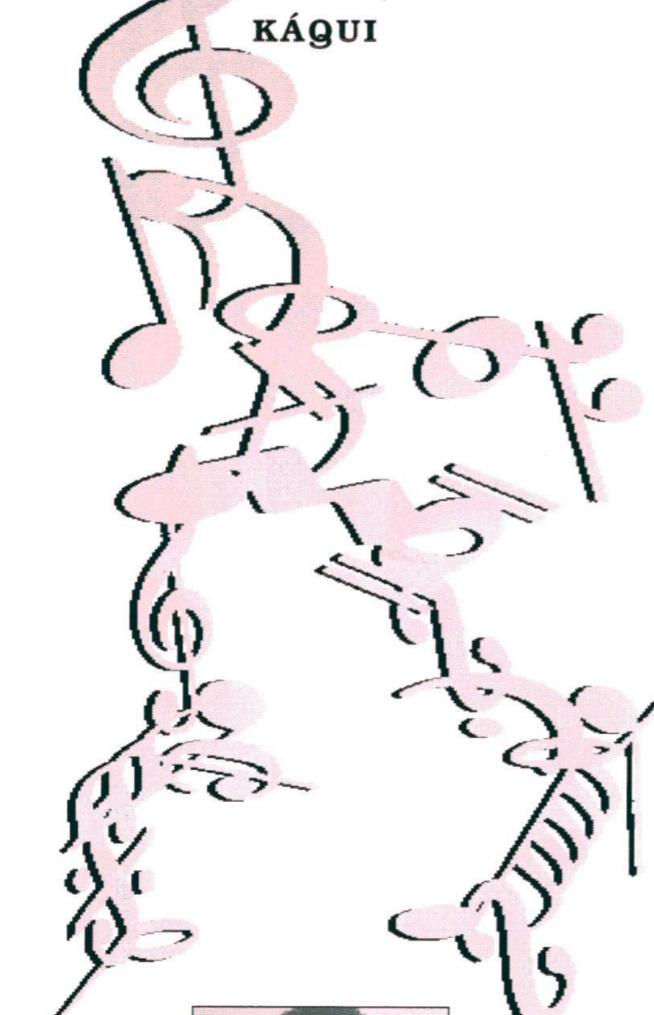
Serpente em prata dourada, medula espinhal desfeita. Unha sangrando cravada na teta mãe que te aleita.

Sete seios transbordantes, vinhos de tenra hortelã. A noite lambendo o antes, ensandecendo a manhã.

Depois a boca sugando, no umbigo do ventre tenso, licores de quem amando vê o suplício, por dentro.

# beethoven

qua  
se  
mou  
co  
ou  
ço  
(pe  
lo  
la  
bi  
rin  
to  
?)  
só  
o  
os  
so  
do  
so  
m



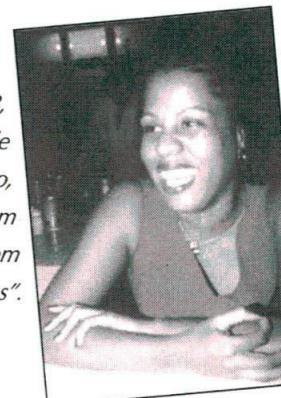
**Francisco José Coelho Saraiva**  
é o Káqui. Nasceu em Recife  
em 24/07/61 e mora em Brasília  
desde 1967. É licenciado em Letras.

Com o grupo Heleura  
Baboeilonestes, armou o labirinto  
transparente - Evento Espacial  
Multimídia (maio/87). Tem um livro  
a ser publicado (Aresta) e projetos e  
pesquisas com outras linguagens.

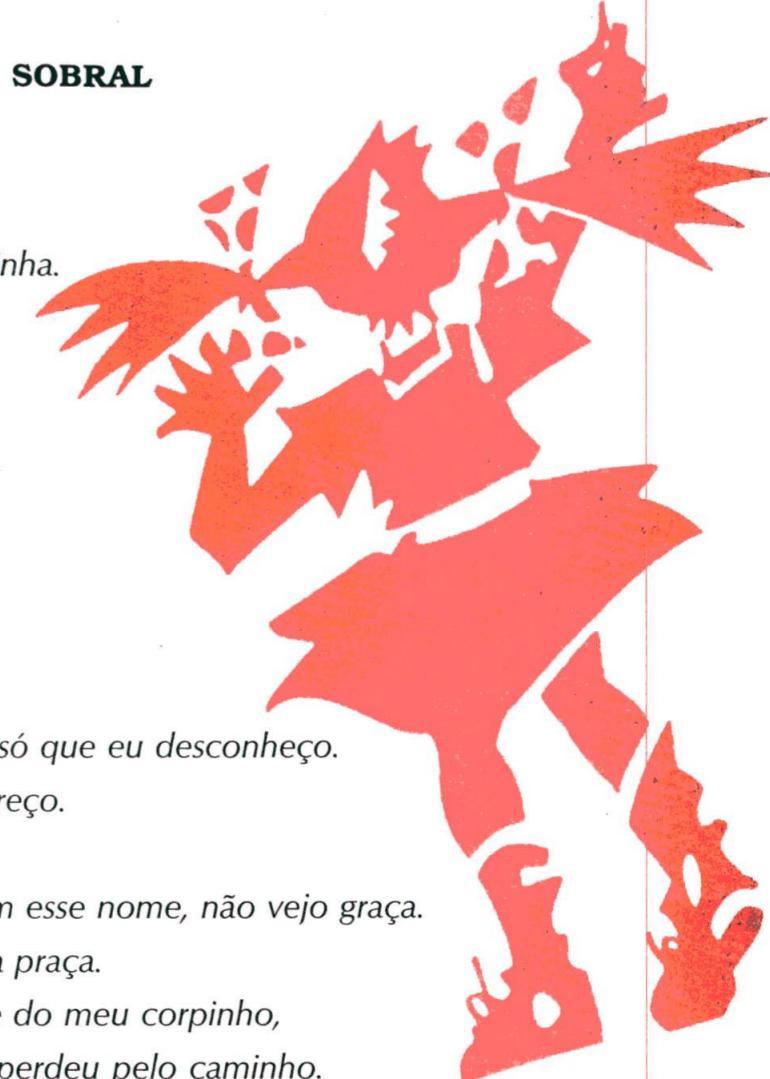
# A PERERECA

**CRISTIANE SOBRAL**

Por que a perereca chama perereca  
disse a menina levada da breca?  
Porque ela é toda fofinha, disse a filha da vizinha.  
Que bicho esperto, que bicho assanhado  
Disse o irmão da menina todo assustado.  
Vou descobrir mais coisas sensacionais.  
A perereca tem olhos pretinhos  
Ela pula em todos os cantinhos.  
A perereca tem perna  
É mocinha e moderna.  
Não vive muito.  
Meu medo é um gigante perto da perereca, só que eu desconheço.  
Quando vejo esse bichinho estranho desapareço.  
Nunca mais vou lavar a minha perereca.  
Agora que conheço o ser verdadeiro que tem esse nome, não vejo graça.  
Vou sair pela cidade e gritar no meio de uma praça.  
Aberto o concurso de nomes para essa parte do meu corpinho,  
antes se chamava perereca, porém agora se perdeu pelo caminho.  
A perereca é que sabe das coisas, ela é toda lisinha, não tem rugas nem  
crises.  
A minha é que não pode se chamar perereca.  
Já sei, sou sapeca,  
dentro da calcinha de bolinha.  
Tenho uma florzinha.



**Cristiane Sobral** é carioca e atualmente mora em Brasília. Em 1998, graduou-se como a primeira atriz negra habilitada em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília (UnB). Desde então tem realizado vários trabalhos em teatro, cinema e vídeo. É também autora de textos teatrais como *Uma boneca no lixo*, montagem premiada pelo GDF em 1998, e *Dra. Sida*, premiada pelo Ministério da Saúde, em 2001. Tem contos e poemas publicados na coleção "Cadernos Negros".



EURÍPEDES LEÔNCIO

# TRÊS MOMENTOS da contemplação e do amor

MOMENTO

1

Minha infância salta  
na manhã de meus olhos.  
São dois meninos,  
brincando na areia.  
Esconde um, esconde outro...  
Meus pensamentos recordam  
as ruas de Palmelo.  
Salve-cadeia, salve-Rainha...  
Minha musa puxa-me  
para o presente dos olhos seus.  
Salto nas ondas  
engolindo o sal das  
recordações...

MOMENTO

2

Na tarde de minhas lembranças  
músicas contam tristes estórias  
de vaqueiros, nas lonjuras do sertão.  
A viola toca meu coração  
no vai-e-vem do passado.  
São caipiras e suas cantigas  
tristes e ingênuas.  
Uma identidade para este  
coração emocionado.

MOMENTO

3

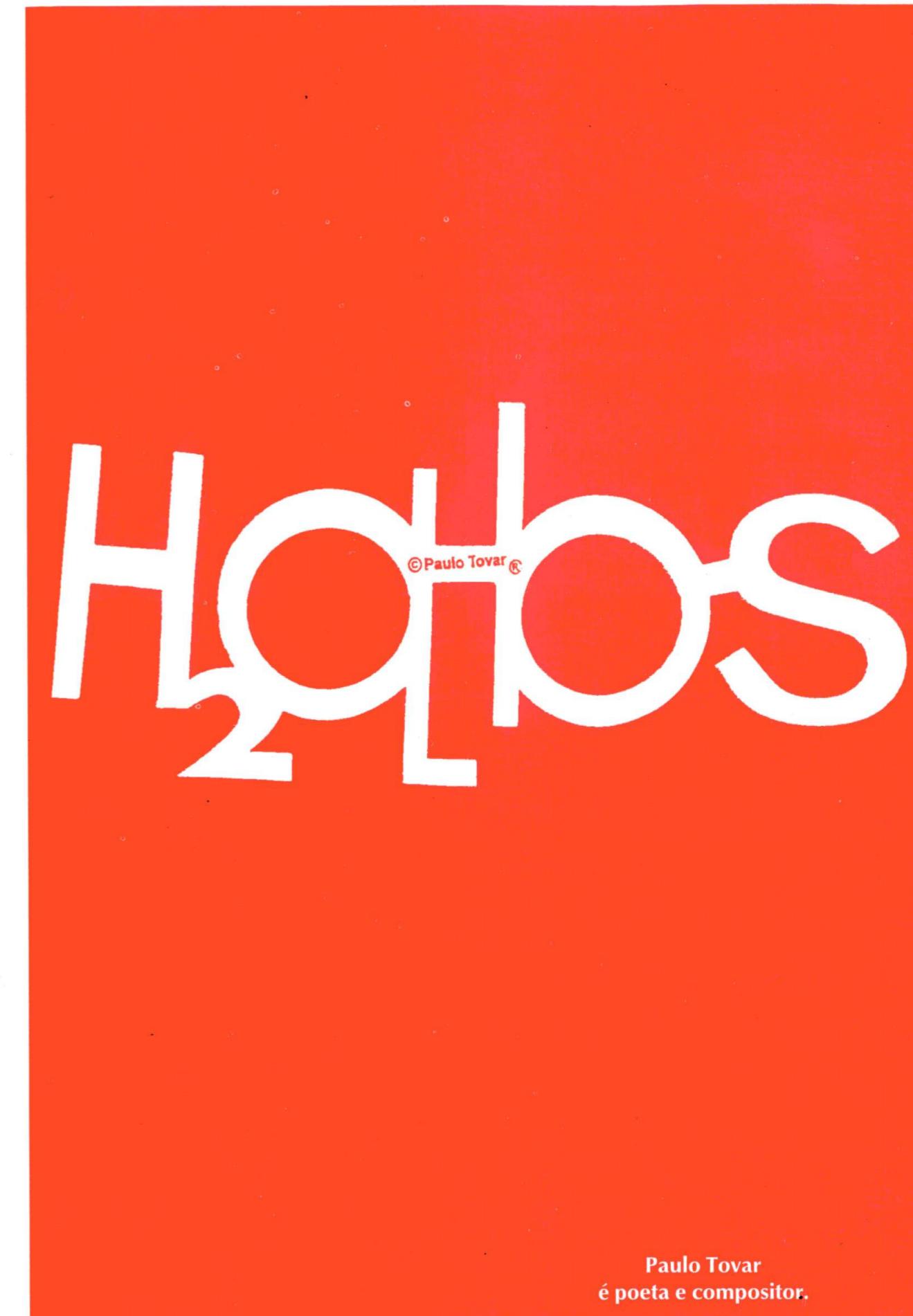
Na noite destas recordações  
a lua fez-se poesia  
clareando minha alma  
e minha voz tornou-se canção  
de todas as nostalgias.  
Lá dentro, a musa amada  
convida-me...  
a fechar a noite  
com intermináveis beijos.



Mineiro de Monte Carmelo, Eurípedes Leônicio é formado em Letras Vernáculas pela Universidade Católica de Goiás. É escritor, crítico literário, poeta, membro da União Brasileira de Escritores, professor de Literatura e colaborador da imprensa goiana desde 1969. O professor Leônicio - como é conhecido - jogou pião, brincou de finca e viu boiadas atravessando a principal avenida de Palmelo. Publicou Dez momentos para o amor, Curso moderno de Literatura e Todos os momentos para o amor.



DF LETRAS



Paulo Tovar  
é poeta e compositor.

DF LETRAS

57

# Tua essência

MANOEL GOMES

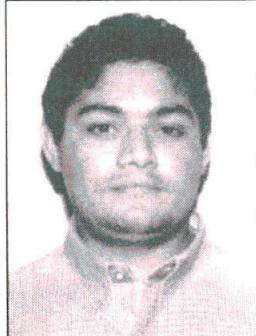


*Tenho inalado teu perfume nos meus sonhos,  
Ao tempo que cristalizou no peito o aroma,  
Tenho nas noites, te percebido, Madona,  
Inspiro teu cheiro que ao das rosas se soma.*

*Tal brisa mansa sussurrando-me um cântico.  
A tantos aromas escolhi o teu em milhões,  
Tens como as estrelas o brilho, o acalanto,  
Inda há de ser santa nas minhas orações.*

*As lembranças dos teus beijos aos colibris,  
Ao alado as voltas campeando os estames,  
A chover brados raios de sol sobre os campos.*

*Anda discreta, tens provisões de bondade,  
Nos grilhões, com a liberdade abençoada,  
Ana magnífica flor da dignidade.*

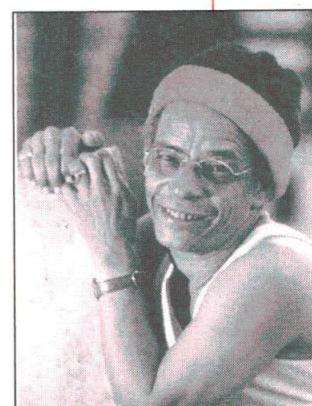


*Manoel Gomes, nascido em Igaracy (PB), em 30 de abril de 1967, cursou o ensino básico na cidade natal; concluiu o curso Técnico de Administração no Colégio Carlos Gomes (SP); iniciou o curso de Ciências, na Universidade Brás Cubas em Mogi das Cruzes (SP). Livros publicados: Confissões em cadeia (participação) - Brasília, 1997 e Intersecção entre dois mundos - carta a Joilson Portocalvo - Brasília, 2000.*

A palavra como arma  
seduzir sem medo

**o  
circuito  
da  
Vaquejada  
POÉTICA AQUI  
É TODO DIA.  
Fonte de luz,  
JAZZ E BLUES  
Conversa fiada**

**A consciência  
ecológica, nas  
nuvens, mas com  
os pés no chão**



*Músico, cantor e compositor, Renato Matos é da primeira geração artística de Brasília. Cantou com Cássia Eller e surgiu no cenário musical ao lado de Renato Russo, nos concertos Cabeças. Autor do clássico e popular reggae "Um telefone é muito pouco", já gravou três LPs e foi recentemente premiado na França pelo CD experimental "Sirig Dum do Além". Tem um livro inédito de poemas construídos com frases e palavras recicladas.*

# E L E S os deuses

DANI BORGES

*Impingiu-lhe, pois, a liberdade. A criatura podia ir. Era a carta de alforria. Estava livre. Eis que a criadora retirou-lhe os tentáculos, destitui-lhe de suas invencionices. "Liberte-se, recrie-se, reinvente-se, vá-se pois de mim", vociferou Nefertiti. "Hoje sou do bem, amanhã sou do mal, depois do bem-mal". A criatura foi ficando previsível. Expressava maesticamente todas as características que lhe foram imbuídas. Cansou. Tanto fazia ir ou não. Que fosse! Que ficasse! Já não havia o que dizer. Dizer o quê? Pra quê? A quem? De que maneira? Se falava com a criatura, era a si mesma que falava. Por que perguntar se já sabia da resposta?*

*A inventora sentiu despedir-se. Junto com tudo, viu ir embora o homem-verbo, palavra em carne, vernáculo mais-que-perfeito. Era o que mais amava. "No início era o verbo e ele se fez carne e habitou entre nós". (Que heresia!) Um homem lhe doía o corpo. Talvez fosse apenas um verbo masculino. Que palavras eram essas tão férteis, mas que jamais gozavam? Talvez fossem tântricas. A flexão? Tu falas, Eu FALO, Teu FALO nunca rígido, nunca pronto, nunca suficientemente judeu, poesia-desconcreta, falicamente mitificada... Uma CAMA, nunca KAMA, nunca AMA, nunca SUTRA, nunca SURTA.*

*Chegou-lhe a culpa. É. Entendeu por que a invenção não funcionava. Antes de criá-la, outra deusa já havia inventado o homem-poesia. Era justo o oposto de Nefertiti. Nem mais, nem menos. Diferente apenas. A "oposição" era peculiarmente nórdica. Não era que a sua invenção (de Nefer) fosse boa ou ruim. Nefertiti apenas não podia rascunhar por sobre a criação da deusa nórdica. Os céus se turvariam se o fizesse. Os deuses não queriam. Só agora entendia. A criatura de Nefertiti não precisava de carta de alforria. Porque já era livre, era fiel a sua criadora de fato ou a si mesmo, pelo menos. Procurou, então, por outras bocas que lhe coubessem o seio. Talvez a de Ramsés.*

*PS: Meu dramático Kitsch.*



**Daniela Borges**  
é jornalista e faz pesquisas textuais as quais denomina "Proesia", uma espécie de prosa poética. Está publicando seus textos pela primeira vez.

**Siomar Rodrigues de Sousa** é presidente da Academia de Letras do Brasil Central e tem 28 obras literárias publicadas. Membro do Conselho de Cultura do Distrito Federal, é mineiro de Uberlândia (MG) e membro da Associação Nacional de Escritores e do Sindicato de Escritores do DF.

SIOMAR RODRIGUES

**O** Eu  
sou o vento que ruge nos campos  
verdes  
**T** e nos bosques em flor...  
Eu  
**S** sou o canto sinfônico dos pássaros  
na  
solidão das florestas e das laranjeiras...  
**M** Eu  
sou o perdão que traduz o consolo  
aos  
aflitos...  
**O** Eu  
sou a araponga no seu canto fúnebre...  
eu  
sou o pobre que dorme ao relento  
e  
come o pão da miséria...  
**S** eu  
sou a dor, o sofrimento, a felicidade...  
eu  
sou a brancura das estrelas,  
que  
dormem na eternidade do espaço...  
**L** eu  
sou a meiguice e ternura das crianças.  
**O** Eu  
sou a imagem de Jesus a pregar nas ruas da Galiléia,  
Eu sou a vida, meu nome é a poesia do mundo...

# Concerto para voz e flauta

PAULA ZIEGLER

*sementes de fogo no peito: canto  
estou tão leve voando pela casa  
dançando tango com o além e com o silêncio  
polifônico este silêncio ladeado de palavras  
- vc gosta de vinho? Dionísio?  
sentir a lua boba dentro como um balão aceso  
o quê?  
dentro de meu ouvido de gelatina  
existe uma mulher que ri  
a mulher febril diante do vazio  
do vácuo entre o abismo da incerteza  
e o do desejo  
se me jogo, para baixo é vôo  
uma asa é tua, eu estou no ápice  
e não tenho forças para subir novamente  
o pão de açúcar da minha vida  
de mulher que sonha  
asas derretidas pelo sol do ciúme  
mas sonho,  
mesmo o vôo cego sob a lua  
vale mais do que não voar nesse nosso céu*

*sem medo  
de não voltar  
quero sentir tua alma  
quando dorme teu rosto de mil faces  
selecionar detalhes dos teus sonhos  
para colorir tua vida com Arte  
voando sob o luar dos teus olhos  
de fauno feito de fogo  
cristal ainda líquido  
que quase derrama mel  
espuma bravia  
rosa rouca eu rio  
sentindo que valeu a pena  
ser mulher sem ser pequena  
e ter mantido a alma morena.*

Ana Paula Arantes Ziegler  
nasceu em Niterói (RJ); é  
formada em Serviço Social, com  
especialização em Estudos  
Africanos pelo Departamento  
de Ciência Política da UnB.  
Publicou, entre outros livros, o  
Contos lúdicos, Haicaistas  
brasilienses, Ou vida, indicado  
para o I Prêmio OK de Cultura  
do DF e Quase - Poesia Erótica,  
que recebeu menção honrosa  
no Concurso Bolsa Literária de  
1997. Também é pesquisadora  
de poesia japonesa.

CRISTINA BASTOS

# D E S A P E G O

*Por um triz  
me sustento  
  
um vento  
me dança  
  
voar molhado  
delírio da íris  
  
os fios  
são fortes  
  
mas  
se partidos  
  
alcanço  
meu pedaço andarilho.*

# P E Q U E N A G U E R R A

*Não é fútil  
minha queda  
  
se desmorono  
  
o que cai por terra  
é mais que um corpo*

*é uma memória tatuada  
de versos de uma época.*



Cristina Bastos nasceu em Minas Gerais, em 1960;  
mora em Brasília desde 1972. Escreve desde  
1975 e tem poemas publicados em diversas  
antologias e revistas. Atua como poeta, fotógrafa  
e artista plástica. Em 1992 publicou o livro  
Decerto o deserto; em 1997 participou do livro  
Intimidades transvistas. Atualmente aguarda a  
publicação do seu mais recente livro: Teia.

# Ode à seca azul

DO PLANALTO CENTRAL

JOSÉ ROBERTO DA SILVA

Agora, sim  
secas ao sol.  
nada reténs  
como palma da mão aberta sob chuva de areias, finos cristais em teu  
imenso corpo lançado em ravinhas, cachoeiras e esguios tufões

ao céu azul, secas  
adeus às nuvens y tudo e somente a noite e as estrelas y o pó

Agora, sim. A bela estação da terra  
finalmente em si, nomeada como planos planaltos cumes sem gayotas  
ondas de morros sem maresias, repouso ninhos erupções vegetais  
horizontal em mim, oculta nas tuas  
subterrâneas águas, teus cardumes de argila

tú: cidade mineral, amplamente cega sutil e lemúrica mãe oculta  
tú: cidade cristalina.

Não mais o verde, alquimia em sépia y telhados no barro das olarias,  
agora: estrela vermelha do Cerrado, aspiro teu perfume  
tú: esfera rubra,  
úmidos apenas, os pêlos, ao roçar da mão  
apenas o sereno nos lábios nos lagos submersos ao rés do chão  
subterrâneos orgasmos, ocultos avessos seios  
das águas que te penetraram o verão  
y todas as tuas primaveras  
y todas as tuas ancas molhadas de suor

não mais os verbos aquáticos, os pingos as poças as enchentes de  
correnteza e galhos, penetro  
cisternas y açudes águas contidas desvariadas enxurradas  
não o florir verdeglamurosas  
não o esverdecer, ó sítio pluvial

(Aos nossos netos)



Isolda Marinho Corrêa  
de Sousa nasceu em  
Maceió (AL), em 25 de  
março de 1961. Morou  
em Brasília desde 1970.  
Cursou Letras na  
Universidade de Brasília  
e fez vários cursos de  
extensão nas áreas de  
língua portuguesa. É  
professora de Língua e  
Literatura Portuguesa.

Fêmea

ISOLDA MARINHO

Jorra em mim  
a cachoeira suada  
mercúrio ardente  
rubra enxurrada.

Pende de mim  
o fluido corado  
secreto e cálido  
espesso e molhado.

Esvai-se de mim  
a resina oleosa  
liquefeito caldo  
suco da rosa.

Escorre em mim  
o regato mensal  
fonte finita  
íntima e visceral.

Flui em mim  
a livre correnteza  
ciclo de fogo  
fêmea-natureza.

Corre em mim  
o riacho vermelho  
sangria sem ferida  
sumo da carne  
regra da vida.

Chora em mim  
o pranto viscoso  
fio de dor  
rio caudaloso  
fluxo-amor.

# Ossos

## do ofício

IVAN MONTEIRO

A cidade guarda mistérios

E delícias

O suor da busca

é o mel da conquista

A cidade é uma mecenávia

Em plena praça niemeyerizada

Destroi a arte

depois o artista

Um baile funk show de rock

festa à fantasia, pagode macumba

A galera não disfarça nem despista

O dedo roça o gatilho, compõe desabafos

o nó na goela impede o beijo

E o desejo é uma pedra de ametista

Valei-me São Tomé das Letras

Dai-me uma rima menos triste

para tristeza que persiste.

Dai-me o norte e o destino dos ventos

Dai-me o peso dos sentidos alertas

E dai-me por fim a leveza nobre dos poetas

Que o espelho é uma porrada na vista

e a beleza que era bela agora é pele ressecada

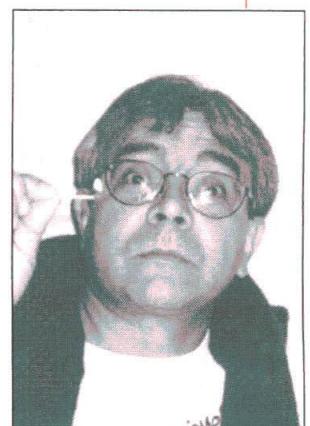
Osso sem cálcio, drama do ofício:

pensamento frágil

é dentro que fica o cometa e o comício

Pensamento besta

deixar o fim chegar antes do início.



José Roberto, 55 anos, foi jornalista da Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Estadão, Jornal do Brasil, mas não deixou de ser poeta. Publicou Hora Estancada e São Paulo em parceria com Flávio Maia (SP).

Editou com Luis Turiba e Eduardo Mamcaz Textos O e foi um dos parceiros-assistentes da "Bric-à-Brac". Recebeu menção honrosa em concurso de poesias da revista "Ficção". É loucamente apaixonado pela sua cidadezinha natal: Poços de Caldas (MG).

pois, então, retornas a ti, à tua própria selvagem desatinada energia  
que te fechas, espasmo yang como pálpebras no sono das nossas crianças,  
inóspitos dias do estio  
naufrágios y avessos,  
o de dentro, pré-catedral  
y gemas centrípetas dos futuros dias  
que me calo em ti, ó planaltíssimos gemidos de amor  
que nos rejeitas de ti, amarguradas colinas habitadas de cimento  
catarros y meninos nas ruas

à tua incontida rudeza de cerrado y vento e tempestades de poeira  
ásperos são os teus tatos  
tênuas são tuas espáduas de arenitos  
agora, sim, secas implacavelmente e desta ausência  
crias o desejo oculto das pedras desnudas o doce leito dos regatos,  
apenas terra terra e terra

y deste azul circumnavegante esfera cúpula y  
abóbodassemi-hemisféricos céus anilados  
eu posso sorrir  
tú podes amar o chão e olhar para a terra  
porque choveste demais neste verão,  
ó planalto brasílis tão amado  
e me deste tantos beijos e ypês y paineiras alamedas ao meu coração  
que sou em ti, mesmo crua  
um branco lençol das águas,  
gavetas de fronhas claras  
guardadas em mim, lágrimas  
que são águas  
guardadas em ti, saudades  
que são pó em forma de vento y silhuetas  
que sou em mim tuas pequenas matas  
que sou teu pequeno verde ambulante e trago em mim teus horizontes  
y todo teu calor trago em mim e toda a sede trago em mim  
que sou teus belos olhos d'água que se foram  
agora, apenas castanhos sorrisos reflexos nos teus cristais  
sob mim, sob o sol te amo como tú és  
mina de cristal pedra nua barro construtor  
y um coração vermelho brilhando no céu azul.

# LIÇÃO DE ANATOMIA

RONALDO COSTA FERNANDES

Sou coisa  
Algo assemelhado a  
lápis ou vela  
que para existir se consome  
esgrimindo garatujas ou se queimando  
no fulgor das palavras ou na luz suicida  
que ilumina enquanto se imola.

O bumbo dos solitários é o mesmo dos eufóricos  
geme a mesma voz surda  
no compasso do tempo das matrizes.

A tarde  
com seu invólucro de nuvens  
  
conspira com vozes na liturgia dos alvoroços.

A vida é um erro:  
alguns chegam a ser sentenciados  
a oitenta anos de vida.

(Do livro *Andarilho*)



Ronaldo Costa Fernandes  
publicou três livros de poesia.  
Ganhou os prêmios OK de Poesia  
com Estrangeiro e o prêmio  
de edição da Secretaria de Cultura  
do DF com Terratreme. Participou  
de várias antologias. Também  
escreve prosa, composta  
por quatro romances, entre  
eles, O morto solidário, Prêmio  
Casa de las Américas.  
Ganhou ainda outros prêmios:  
Guimarães Rosa, Cidade de Belo  
Horizonte, Revelação de  
Autor da APCA. Foi diretor do  
Centro de Estudos Brasileiros em  
Caracas, Venezuela.

DF LETRAS



## Debaldizer<sup>1</sup>

SALATIEL RIBEIRO

Não debaldirei  
minhas alusões  
elementares  
se meu ser-poeta-soluto  
dissolver-se  
em ser-melancólico-hemorrágico,  
e o lixo posludiar a festa  
e acelerar a perdição  
dos meus anos  
ao destino do louco...

(Quando meu ser-poeta-soluto  
dissolveu-se,  
meu ser-melancólico-hemorrágico  
era o desejo  
de não ser este  
ou coisa alguma!)

(1) neologia: dizer em vão, debalde.



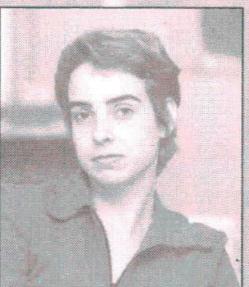
DF LETRAS

# GUERRA VIRTUAL

FERNANDA LAMBACH

## PRIMEIRO ATO

Quem foi que disse que  
teu olhar lacrimogêneo  
anularia para sempre  
meu sorriso paralisante?



Fernanda Lambach é jornalista e editora do suplemento "Este é meu!" do Correio Braziliense. Escreve crônicas, poemas e contos constantemente, embora nunca os tenha publicado. O poema foi inspirado na guerra virtual entre China e Estados Unidos. Lambach esteve em Nova Iorque, em junho de 2001, para um show da banda irlandesa U2.

## SEGUNDO ATO

Estou sofrendo um  
ataque nuclear!  
Quem não viu  
atomizará!

Míssil missed,  
miss Universo!  
Ogivas me mordam  
pelos excessos!

Chinatown contra  
vírus de gente!  
Coroa de espinho  
Cyberspace!

Hackers saem  
das pílulas.  
Munição insana,  
norte-americana!

Gases,  
me paralisem!  
Bombas,  
me lacrimejem!

Sou toda virtual!  
Cibernética,  
internética,  
apoplética,  
antiética,  
hermética,  
cética!

"— Dá-me o prazer desta dança?"

SANDRA DAHER

Na transa, cedera-te o corpo,  
ao lugar, avivaras-me o senso,  
aguçando o sensual-  
o toque minava os poros  
ao deslize do tango-  
carícia mais fina a definir-se  
no sensorial limite,  
requintado ato a atar-me...

" — O prazer foi meu, cavalheiro!"



Sandra Daher tem formação acadêmica na área de Humanas. Iniciou-se ao piano em sua cidade natal, Ipameri (GO), continuando seus estudos no Rio de Janeiro, onde experimentou posteriormente as artes plásticas. Em Brasília desde 1975, participou de coletivas nessa forma de expressão. Despertou para a poesia em 1984.

## Horror

Às mulheres da Bósnia-Herzegovina  
que perderam seus homens na guerra  
A dor é fina...  
Salve, Deus,  
as "meninas"  
que perderam sua referência  
masculina-  
das crianças,  
a brincadeira astuta,

dos maridos,  
além de tanto,  
a fruta  
E no vazio do amor  
em branco  
possam elas enrijecer  
os flancos  
e caminhar para viver  
a luta.



# LEMBRE-SE

JOSÉ PRATES

*Se a energia parecer esgotar-se  
E o seu belo ser sentir-se frágil,  
Lembre-se de que a minha força  
Estará unida a você  
Para sustentar sua caminhada  
Em qualquer estrada.*

*Quando o bom humor  
Recusar guarida em seu coração,  
E o seu semblante  
Retratar tristeza,  
Lembre-se de que eu conheço  
O seu lado alegre  
Que é infinitamente maior  
E mais bonito  
Que a aspereza da vida  
E eu desejarei sempre acioná-lo  
Para ver você sorrir!*

*Quando todas as luzes  
Se apagarem à sua volta,  
Lembre-se de que eu sei  
Da intensa luz  
Que há dentro de você  
E é capaz de brilhar gentil*

*Como fulgurante chamarada  
A iluminar o mundo...*

*Sempre que eu parecer  
Alheio e distante  
Lembre-se de que  
Jamais estive  
Ausente de você!*

*Se a incerteza  
Ousar instalar-se  
E tudo parecer acabado  
Lembre-se  
É aí que eu quero começar  
Para você.*

*E quando a esperança  
Houver desistido  
De incentivar a aventura da vida,  
Lembre-se de que,  
Com certeza,  
Nesse momento, estarei chegando  
Com um abraço  
E um mundo inteiro,  
No coração e nos braços  
Para lhe entregar!*

meu coração Rosa Passos  
meu coração Arlequim

São Renato Matos **regae** por nós  
Regina Ramalho Nicolas Behr Cineas Santos orai pro nobis  
Maria da Inglaterra Otacílio Mendes Elnora Paiva  
meu coração Caloro nesta vida Banda de Bandidos  
Salgado Maranhão Sérgio Duboc Gadelha João Baiano Vicente Sá  
todo dia é dia da nossa marginalegia  
a utopia é de quem acreditar por derradeiro  
a utopia é de quem acreditar primeiro  
em matéria de gravidez não existe meio termo  
se não somos assim seja vire a mesa  
Meu coração Plebe Rude não se ilude  
Escola de Escândalos Arte no Escuro Nexo Dia D 5 Generais  
BSB-H Artigo 153 Unidade Móvel Eduardo Rangel Banda Trem das Cores  
Meu coração Capital Inicial  
todos os corações filhos da luta todos os filhos da luta  
A vida é domicílio inviolável a vida é domicílio inviolável  
a vida é domicílio inviolável a vida é nossos sonhos  
nossaboca nossacoragem  
o infinito do azul é a senha da vertigem  
e a vertigem é a senha da viagem

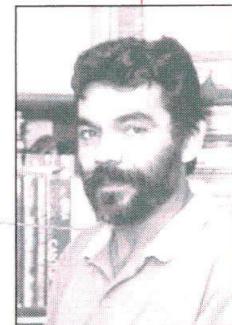
Detrito Federal das paixões meu coração Lenora Lobo  
meu coração Maria Bonita meu coração Chico Castro  
meu coração Lampião  
Camponesa  
Camponesa  
são meus os olhos de framboesa e o cheiro de abacaxi?  
Não ficará medalha sobre medalha dos ditadores de lá  
nem dos ditadores daqui  
não restará nada dessa gente  
Ainda bem que você não se chama Augusto Pinochet  
Ainda bem que você não se chama Alfredo Stroessner  
Os ditadores estão na lata do lixo da História  
Os ditadores estão por fora  
Deles não restará nada nada no inconsciente coletivo da memória

Camponesa  
Camponesa  
dá-me a boca de cerveja os olhos de framboesa e o cheiro de abacaxi?

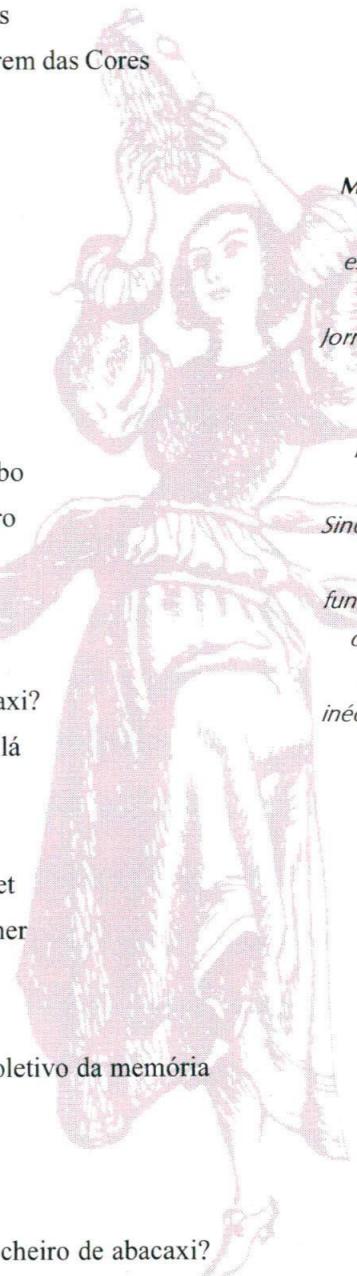
**José Antônio Prates** é sobrevivente dos chamados anos de chumbo, nos anos 60. Mineiro de Salinas, norte do estado, Prates foi líder estudantil na Universidade de Brasília (UnB). Escreveu livros, como *O pirata escarlate*, um memorial do exílio. Atualmente, é assessor especial da Mesa Diretora da Câmara Legislativa do DF.



*P.S.:  
Sempre  
Quando você se lembrar de mim  
Lembre-se  
De que eu estarei lembrando-me de você.*



**José Menezes de Morais** é piauiense da cidade de Altos e escolheu Brasília para viver desde 1980. Jornalista, professor, ex-diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no DF e ex-presidente do Sindicato dos Escritores no DF. É um dos fundadores do Coletivo de Poetas, criado em 1990. Tem 15 livros inéditos à espera de um editor "de bom coração".



# Domicílio inviolável

MENEZES Y MORAIS

(Pequeno elogio  
da rebeldia musical)



udo me leva a ti Camponesa  
com teus olhos de framboesa e teu cheiro de abacaxi  
Amo em ti esta manhã revolucionária bem Pagu pra lá de Passionária  
Manhã de sonhos de marcas de cerveja em tua boca-cereja  
e obturações de porcelana

Meu coração Liga Tripa  
Meu coração Legião Urbana

Clodo Clésio Climério  
paus de arara e suburbanos  
Ita Catta Preta Aldo Justo Beirão Jorge Antunes Nonato Veras

meu coração marginal anuncia a primavera  
A estrada da saudade é apenas a estação do encontro  
e onde existe vírgula leia-se pronto!

Isto não passa de frituras de linguagem  
A TV serve a tua ceia a gente ranga tuas metáforas  
preparadas em forno de raio-laser com satélites e microondas

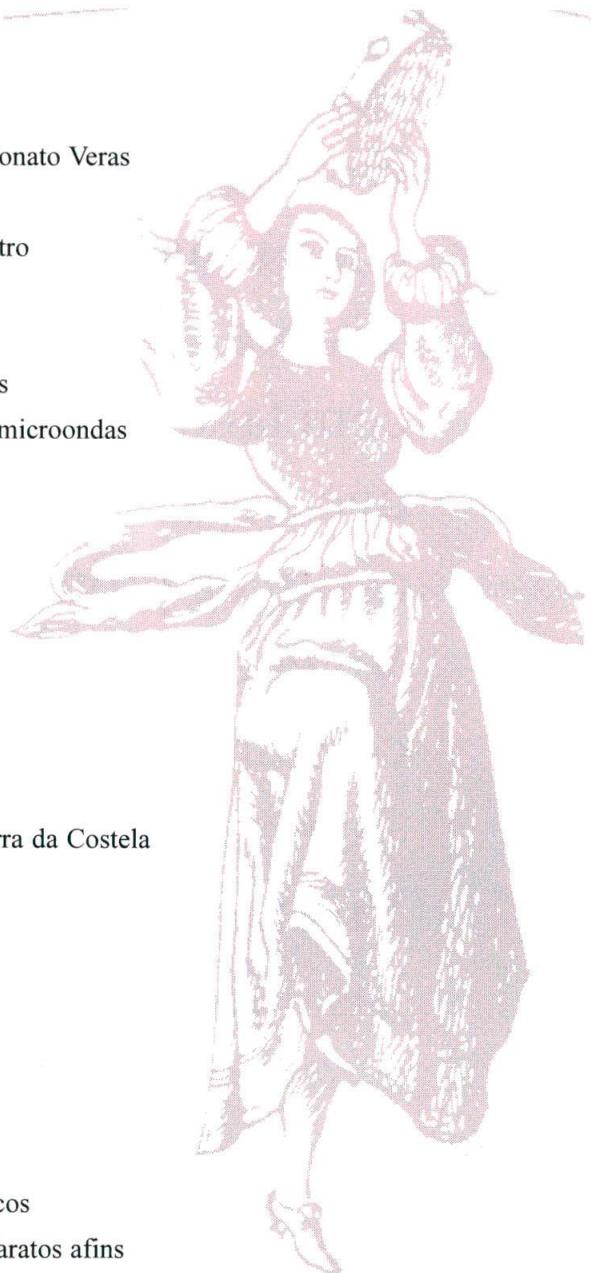
Camponesa  
Camponesa  
bebo em tua sede  
banho em tua fonte e persigo os teus desejos  
com sobremesa de morangos

Camponesa  
Camponesa  
quero as amoras dos seios e a Serra da Costela  
limites

do ladoce do ser  
Camponesa

Camponesa  
meu coração bóia-fria se delicia  
meu coração pingente  
delinqüente

Quando não te encontro invento pontes supersônicos  
Habeas corpus habeas data mandato de injunção baratos afins



MARIA ABADIA SILVA

Por que ameaçados  
A cada momento?  
Passado e futuro fluem  
Viemos de longe  
Gerados por nossos pais e mães



*Do mundo subterrâneo*

*E do mundo acima, onde está Deus*

- Que vendas ocultam  
a semente da vida?  
- O que torna evidente as estações?

*A mente e as leis da mente*  
*Esconde-se na noite da existência*  
*Apenas pensamento.*



*O que me revela?*  
*Portador do meu destino*  
*O que me salva diariamente?*  
*Acaso não ter ainda morrido*  
*Me torna mais viva?*



**Maria Abadia Silva,**  
ex-secretária de Cultura de  
Goiás, é bacharel em Direito  
pela Universidade Federal  
Fluminense do Rio de  
Janeiro. Tem sólida  
experiência de 20 anos na  
área cultural. Publicou  
Espaços, Desamarrío e  
Cabeça cauda, ganhando  
prêmio Revelação Nacional  
de Poesia da Fundação  
Banco do Brasil, em 1988.

# FIM DA CAVALGADA

NEWTON ROSSI

*Eu vou aos poucos cavalgando a vida,*

*Corcel fantasioso do destino,*

*Que é forte e impetuoso na subida*

*E quando desce, faz do peregrino,*

*Um triste ator de cena repetida.*

*A galopar feliz, então, me inclino*

*Ante a esperança que não foi perdida,*

*Na doce ingenuidade de menino.*

*Alado, o meu cavalo vence o espaço,*

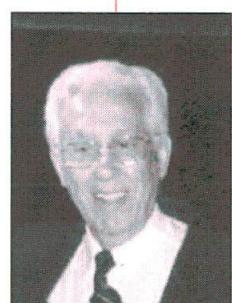
*Querendo e não sabendo aonde chegar,*

*Até que um dia, farto, em seu cansaço,*

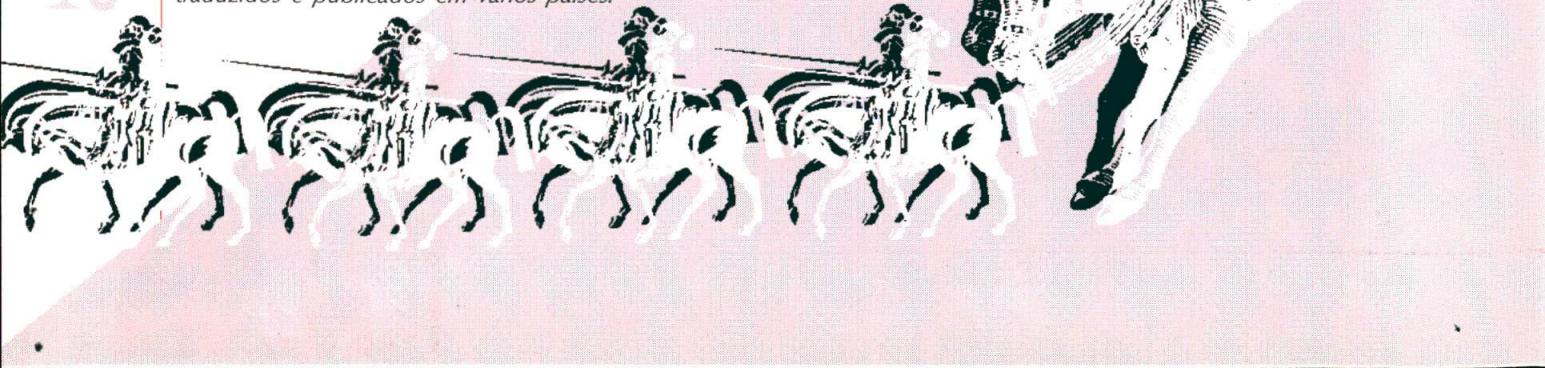
*Sente acabar a estrada que almejou...*

*Evê, sem mais ninguém a cavalgar,*

*Que a corrida da vida terminou.*



Newton Rossi é mineiro, poeta e trovador dos bons. Tem livros publicados até no exterior. É figura querida e respeitada no meio cultural de Brasília e do país. Entusiasta da cultura e da revista DF Letras, Newton Rossi ainda acumula a chefia das Relações Públicas da Câmara Legislativa do DF. É defensor intransigente da Capital Federal. Membro de diversas Academias de Letras de Brasília e de outros estados, Newton Rossi tem poemas traduzidos e publicados em vários países.



# EXERCÍCIO

LINA TÂMEGA



*Lina Tâmega Del Peloso* é mineira de Cataguases, mas reside em Brasília desde 1958. Publicou *Algum dia e Entretempo*. Foi fundadora da revista "Meia Pataca" (1948/49). Participou das antologias Poetas de Brasília e Antologia dos poetas de Brasília, organizadas por Joanyr de Oliveira. É professora, tendo lecionado na UnB e na rede oficial de ensino do DF, e conferencista em instituições culturais e universidades do Brasil e de Portugal.

Viver é ser inadvertido.

É uma bem amada fuligem  
por sobre o corpo luzente.

Viver é carcaça de pretextos  
escrita com palavras de licor.  
É coisa que emigra, se solta  
em aroma de hortelã.

Viver é tirania que encanta  
com tanta força e virtude  
que o suor se faz bronze  
assim de pronto à luz do dia.

Viver é responder ao infesto tempo  
com um enxame de gritos  
e com a baba da sabedoria.

Viver.

Eis que me espreita a vida às avessas.

# Máscaras

Tenho uma coleção de máscaras:  
Para cada ocasião, um papel,  
a cada papel, uma composição especial.

Nem sempre muito convincente na interpretação das personagens,  
a atuação impressiona pela qualidade das máscaras,  
por mim confeccionadas,  
durante anos,  
nas noites vazias, no vácuo dos dias sem sentido.

Feitas com minha pele e meu sangue,  
expressam meu medo e minha impotência,  
transfigurados em gestos de gentileza,  
suposta cordialidade.

Minhas máscaras  
a rebordar meu rosto,  
a recompor minha forma,  
a repintar minh'alma.  
Eu mesma.

Um Deus  
estranho  
este  
que nos  
beija  
leve  
fome  
onde tudo  
atrás se  
rende  
sem mentiras  
sem esperanças  
a  
verdade  
crua  
fome  
que  
tu  
nos  
ofereces

Abro meu ventre  
te entrego vida  
tudo o que pediste  
abro meu ventre  
te dou em versos  
e baladada peitos  
fartos leite tudo  
o que é teu - suga  
vida - o que te  
dou um corpo.



Naura Timm é artista plástica e poeta; tem um intenso trabalho de pesquisa com desenho, pintura e linguagem verbal.

# Hoje ativo pra amanhã não ser radioativo

TETÊ CATALÃO



**Tetê Catalão**, carioca nascido em 1948, é poeta e jornalista e teve a maioria de seus trabalhos veiculados em jornal. Suas obras publicadas são: *Abolição da escravatura*, editada pela Civilização Brasileira, e diversas antologias. Participou das revistas da contracultura dos anos 60: "Tribo", "Rolling Stones", "Ordem do Universo" e "Órion". Tem trabalhos publicados também nas revistas "Gran Circo Lar", "Há vagas" e "Bric-à-Brac". É idealizador das faixas do Pacotão, bloco carnavalesco, , desde seu início. Nos anos 70 fez parcerias com músicos de Brasília (Grupo Portal - rock dos anos 70).



**o pior míssil  
não estava no vídeo  
nem veio explosivo  
incendiário por ofício  
  
o pior míssil queimava sem pavio  
inodor invisível infame  
hospedeiro da ciência hospício  
  
o pior míssil viajava no silêncio  
pela sombra  
no vácuo da ciência vício  
  
com ele o tal apocalipse  
passou a ser espetáculo fictício  
  
o ar  
virou  
arma  
  
sem mocinho nem vilão  
o pior míssil  
omissão**

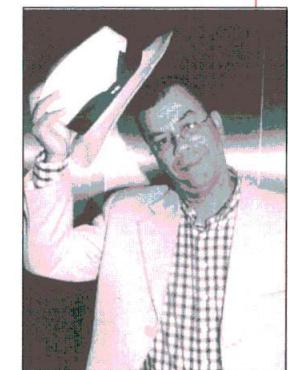
# Na gira das girafas

LUIS TURIBA

Como são gostosas as girafas  
olham estrelas de frente  
conversam nos olhos de Deus  
penteiam em plenas nuvens  
os cílios de Carmem Miranda  
& aquelas antenas a ligá-las  
aos desfiles das savanas  
são gêmeas das senegalesas  
na altura na graça & beleza  
as pernas mais altas da África  
são retilíneas falsas magras  
as curvas cheias de carne  
quadris de Naomi Campbell  
o andar de Gisele Bündchen  
são afro-pop as top models  
sacodem as bundas a valer  
tão nuas em seus pijamas  
de listras lindas & leopardas

Ouvi dizer que elas dormem  
dez minutos a cada hora  
também pudera, natureza mátria  
com aquele pescoço quilométrico

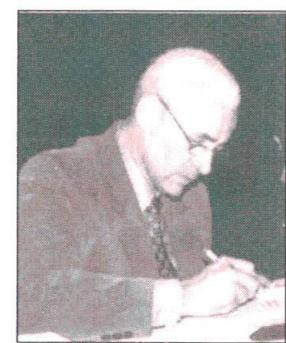
que um dia (ah!!!) vou beijá-lo  
um cochilo (ah!!!) descansá-lo.  
Assim sendo ofereço-lhes  
um espaço de pouca mata  
não tão afro como a África  
mas confortável & afável  
numa posição de vanguarda  
aceitem, pois, minha pauta  
um convite um xeque-mate:  
Venham compridas girafas  
dormir em minhas gravatas  
o sono de quem lida altas  
nada custa, é puro charme.



Poeta e jornalista, **Turiba** foi criador e editor da revista experimental de poesia e artes "Bric-à-Brac", que encantou Brasília e o Brasil nas décadas 80 e 90. Em 1998 publicou o livro *Cadê?* com um CD de suas composições e foi o vencedor do Prêmio Candango na área de Literatura. É editor da revista *DF Letras*.

ANTONIO TEMÓTEO

# Pecito o teu velho



*Antonio Temóteo dos Anjos  
Sobrinho nasceu em 18 de janeiro  
de 1940, na cidade de Piatã (BA).*

*É professor universitário e  
advogado. É membro do Sindicato  
dos Escritores do DF, membro da  
Academia Internacional de Cultura,  
da Academia de Letras e Música do  
Brasil, da Academia de Letras do  
DF, da Associação Nacional de  
Escritores e vice-presidente do  
Conselho de Cultura do DF. Obras:  
Da travessura ao travesseiro,  
Pentagrama, Insônia vadia, No pó  
do cerrado, Na voz das cigarras.*

## Ah! Dorme... e eu velo e sofro.

(Alberto de Oliveira, *Poesias*)

Velo o teu peito em sigilo,  
no teu sono de sereia,  
no arfar do busto tranqüilo  
que descansa sobre a areia.

Velo o teu peito, o mamilo,  
que arredonda-se... fogueia  
quando o toco; ao meu pugilo  
cresce, estremece, bateia

dentro à mão. No azul da tarde  
transpira... verte... ao sol arde...  
pinga o pingo delicado

e aquece, escalda o desejo,  
nos toques do meu cortejo,  
nas artes do meu pecado.

ANDERSON BRAGA HORTA

## Sobresser



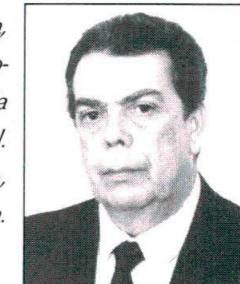
Não chego a ser trezentos e cinqüenta,  
como Mário de Andrade, nem ecoa  
em mim a heteronímia de Pessoa,  
mas ser mais do que sou meu ser violenta.

Desbordado de mim, já me apouenta  
este excesso de ser, aura ou coroa,  
sobrepele, sei lá! - sobrepresso  
que sem tolher meu eu meu ser aumenta.

Aumenta? Diminui, que me embaraça  
o olhar, como um reflexo na vidraça,  
jogo entre mãos e títeres, engodo

de ser múltiplo sol, mas descontente,  
que ardo de não arder completamente,  
na dor de sobresser sem ser de todo!

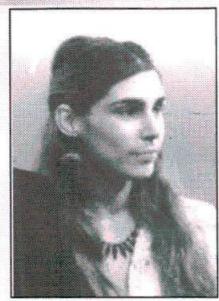
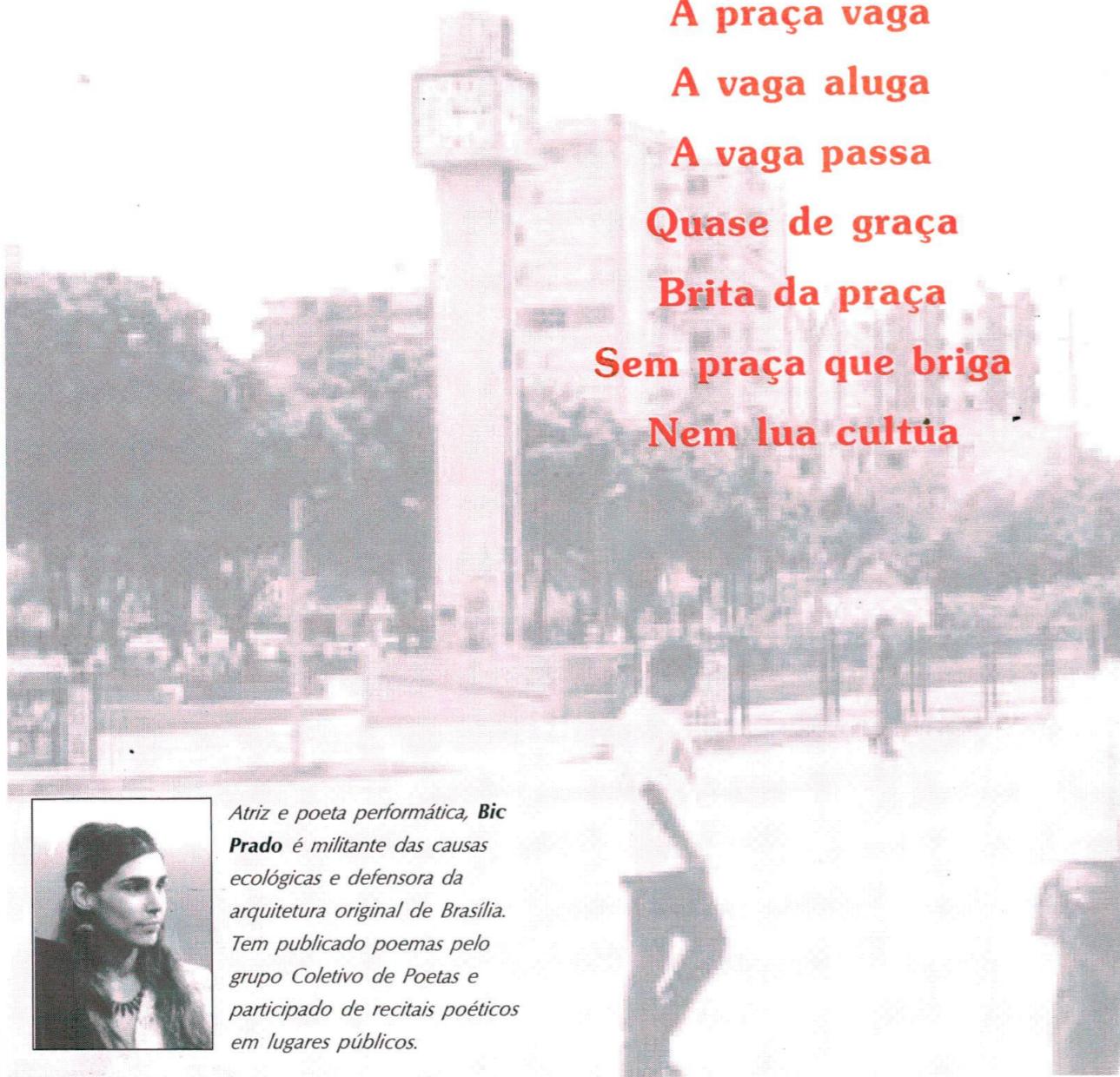
Filho de poetas, **Anderson Braga Horta** é mineiro de Carangola. Jornalista, redator, assessor de imprensa, foi secretário-geral da Associação Nacional de Escritores e co-fundador do Clube de Poesia de Brasília e do Clube de Poesia e Crítica. Membro da Academia Brasiliense de Letras e co-fundador do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal. Publicou, entre outros livros, *O horizonte e as setas*, *Altiplano* e outros poemas, *Marvário*, *Incomunicação* e *O cordeiro e a nuvem*, uma antologia poética.



# Praça Norte

BIC PRADO

A praça pára  
A praça bruta  
Coberta de carros  
Quadrado de brita  
A praça vaga  
A vaga aluga  
A vaga passa  
Quase de graça  
Brita da praça  
Sem praça que briga  
Nem lua cultua



Atriz e poeta performática, Bic Prado é militante das causas ecológicas e defensora da arquitetura original de Brasília. Tem publicado poemas pelo grupo Coletivo de Poetas e participado de recitais poéticos em lugares públicos.

MARTA PERES

O Ainda não arrumei  
a estante e o armário  
**R** ainda não fiquei  
rica e famosa  
**T** ainda não aprendi  
a dirigir  
**R** continuo  
com esta mania  
de escrever  
no verso do extrato  
da parca conta  
do banco traseiro  
**E** mais alto  
do ônibus  
**S** então  
por que  
estes olhos  
tão grandes???

*São para enxergar melhor  
o deslizar dos pedestres  
ao longo do passeio público*



Marta Peres nasceu no Rio de Janeiro em 23/09/68. Passeou por faculdades de Física (UFRJ), Comunicação Visual (PUC), mas acabou se formando em dança pela Escola Angel Vianna. Já foi desde fiscal e professora de balé em São Gonçalo (RJ) até atendente na Justiça Federal. Atualmente, é professora de dança do Hospital Sarah, em Brasília. Participou, com o Coletivo de Poetas, em 1997, do livro Mais uns. Publicou o livro Trinta, um autopresente de aniversário.

# Dianete do espelho



Por ser a capital,  
Brasília se acha muito importante.  
Neste planalto central, nesta amplidão.  
De dia, diáfana.  
De noite, dinástica.  
Árida e quente.  
Névoa seca,  
de abril a setembro.  
E chuva de outubro a março.  
Quando de tanta coisa encoberta  
claramente não se vê,  
não se fala,  
não se importa?

**Stella Maris** nasceu em Dores do Indaiá (MG) em 7 de março de 1950 e chegou a Brasília em 1962. Cursou Letras na UnB e concluiu Mestrado em Literatura Brasileira. Exerceu o magistério na Fundação Educacional do Distrito Federal. É desenhista, pintora e compositora. Participou de várias exposições e festivais de música no DF. Escreveu peças teatrais e atuou no palco, tendo escrito e dirigido programas infantis nas TVs de Brasília.

LETRAS

S  
E  
O  
C  
A  
D  
A  
T  
A



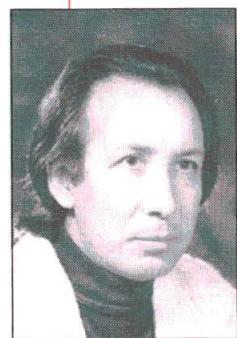
O uísque lapida o gelo  
e nele planta sua alma  
o gelo feito água  
dá ao líquido outra aura

a água escorre nas pedras  
sobre seu corpo e pêlos  
presença que desintegra  
a água e suas moléculas  
ouço o som do chuveiro  
sua nudez reverencio  
não abro os olhos: o cheiro  
de sua alma, luz do dia,  
mergulha-me inteiro -  
amor, possível utopia.

**Alexandre Marino** é jornalista e publicitário. Nasceu em Passos (MG) em 1956. Publicou dois livros, ambos de poesia: *Os operários da palavra* (1979) e *Todas as tempestades* (1981). Participou de antologias e publicações culturais e ganhou prêmios literários.

DF LETRAS

# A V e, l u d e



**JOSÉ  
SANTIAGO  
NAUD**

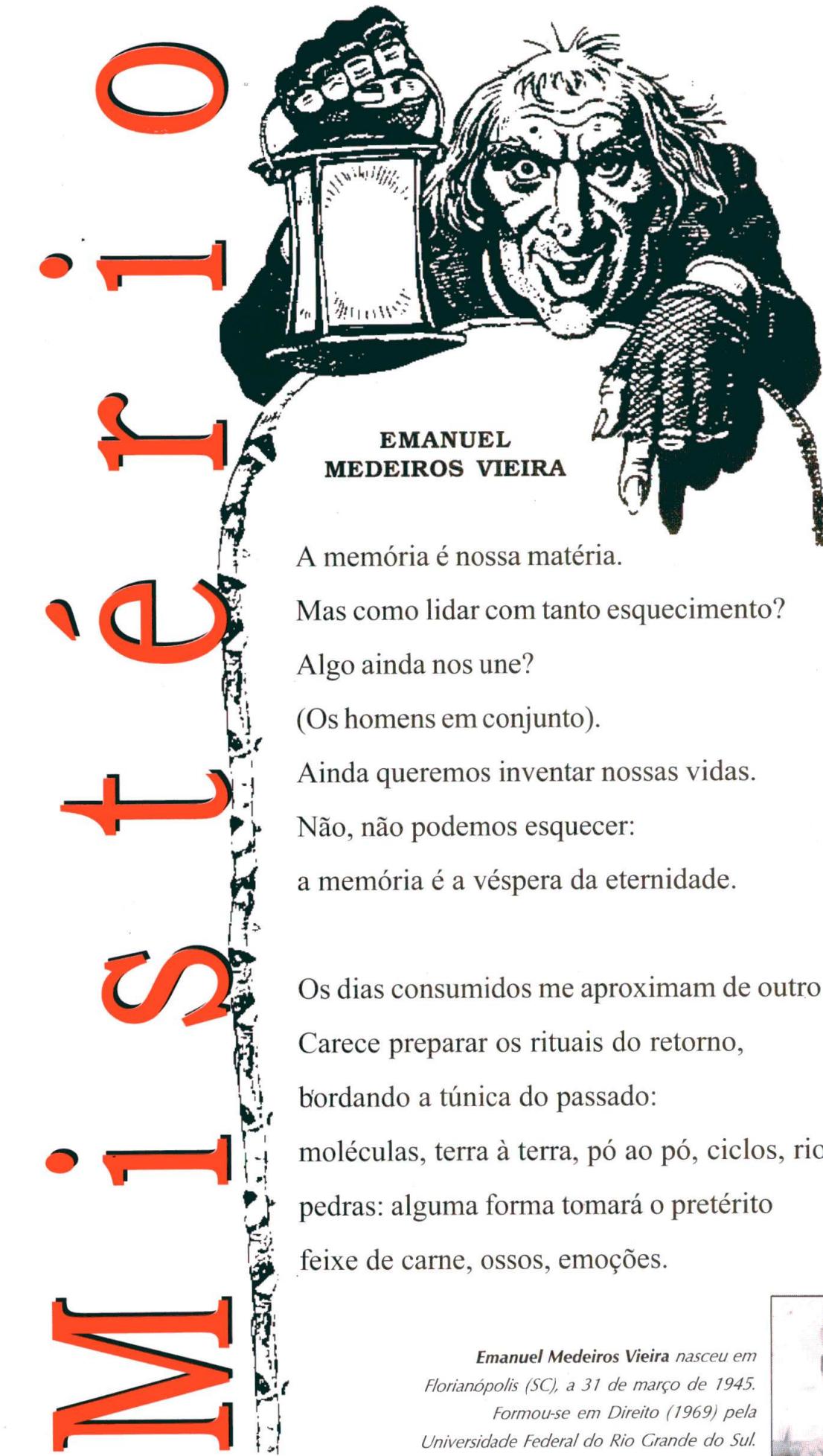
**24**  
José Santiago Naud, poeta, ensaísta e professor, nasceu aos 24 de julho de 1930, em Santiago - RS. Licenciou-se em Letras Clássicas no ano de 1957, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS, em Porto Alegre. Em abril de 1960, transferiu-se para Brasília como professor pioneiro do ensino médio, vindo a integrar em 1962 o grupo docente que fundou a UnB.

## II

Junto à janela desfia uma ave suas contas de vidro e o canto que encanta vai-se fazendo aos poucos pomo do real agora erguido castelo. Minha casa deserta docemente puro despertar amanhece em mim e de repente o sol inunda-me os olhos enquanto a ave canta contando contas de vidro. Então é a luz que quebra a vidraça e pelo ar subitamente estilhaçado no espesso postigo encanto do canto tanto quanto a magia do pássaro aqui trila lá por trilha indevassada e liberta segura desse canto e seu vôo.

(Lembrando João Sebastião Bach)

I Enquanto o vento roda lá fora e uma folha amarela bate na vidraça a candeia ali dentro flui uma flor de luz em torno da mesa. O chantre conversa com a esposa e brinca com os filhos enquanto compõe sua música. Tranquilidade de fazer o pão para todos sem estar de candeia às avessas nem acende-la para que fique embaixo da cama. Mais fraterno ainda o cão se lhe enrola junto das pernas e ele o deixa assim um cachorro astuto prisioneiro do sono e do tempo como um novelo. Doce paz instantes dourados duram enquanto lá fora desatam-se os ventos e ruge a destruição - estremeção do mundo sem cão nem gato, rato roendo a perfeição enquanto a música enrola impuras dissonâncias e entre marido e mulher a candeia incendeia aqui mas habita sem tempo o centro da harmonia.



**EMANUEL  
MEDEIROS VIEIRA**

A memória é nossa matéria.  
Mas como lidar com tanto esquecimento?  
Algo ainda nos une?  
(Os homens em conjunto).  
Ainda queremos inventar nossas vidas.  
Não, não podemos esquecer:  
a memória é a véspera da eternidade.

Os dias consumidos me aproximam de outro mistério.  
Carezza preparar os rituais do retorno,  
bordando a túnica do passado:  
moléculas, terra à terra, pó ao pó, ciclos, rios,  
pedras: alguma forma tomará o pretérito  
feixe de carne, ossos, emoções.

Emanuel Medeiros Vieira nasceu em Florianópolis (SC), a 31 de março de 1945. Formou-se em Direito (1969) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



# Granada no peito

Uma explosão em meu peito

e cá estou nesta cidade

cercada pela Serra Nevada

só e desolada, por desamor

sem pena, devastada,

cega de tristeza e dor.

Tento enterrar esse amor

no Jardim dos Sete Selos

e não encontro um lugar

que se me ofereça.

Vou afogá-lo na correnteza

das águas que atravessam a fortaleza

e se recusam a recebê-lo.

Empurro-o das Torres de Alcázaba

e paira como pluma no céu de seda

azul-turquesa.

Por que não morre, amor,

pergunta, cansado, meu coração

já quase todo incinerado.

E responde-me, atrevido,

o vento doce que desliza

por entre os Palácios de Nazáries:

“Porque o amor vive para a eternidade

mesmo que não mais te queira amar o teu amado”.



Goiânia de Ipameri,  
Angélica Torres Lima é  
poeta e jornalista  
especializada em  
educação e já publicou  
três livros de poesias:  
*Sindicato dos  
estudantes, Solares e  
Paleolírica*. Também  
publicou *Koikwá*, um  
buraco no céu, um livro-  
relato sobre sua  
experiência com tribos  
indígenas.

# Língua viva

CARLOS HENRIQUE

**Um certo dia de fim de primavera**

**no campus da Universidade de Lisboa**

**a jovem professora de literatura**

**portuguesa até a raiz dos pentelhos**

**deu-me cá um puxão d'orelhas.**

**Considerava “absurda, afrontosa até**

**a liberdade com que os brasileiros**

**trafegam nos espaços semânticos**

**da nossa língua-mater”.**



Carlos Henrique de Almeida Santos é baiano, radicado em Brasília desde o início dos anos 60. Formou-se como advogado pela UnB, mas sempre foi jornalista. Andou o mundo como repórter político de O Estado de São Paulo, “Veja”, Rede Globo e SBT. Foi porta-voz da Presidência da República na redemocratização.

**“Você ainda não viu nada...”**

**- cochichei-lhe ao pé do ouvido**

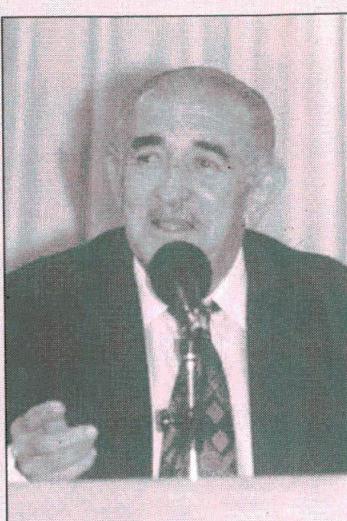
**em defesa das nossas cores**

**odores e sabores lingüísticos.**

MOACIR DE OLIVEIRA

# PINGA DE SALINAS

Como esta galinha  
E nada lhe será melhor  
Que devagar comê-la  
Mesmo que o molho respingue  
Na camisa ou na toalha da mesa  
  
Esqueça-se de outras paixões  
Esqueça-se mesmo de Minas  
E desperte seu apetite  
Tomando a pinga de Salinas



## Ocaso burocrático

Para Clemente Luz  
(foto)

Do esforço pouco resta  
Senão ele mesmo e seu traço  
Risco gravado na testa  
Marca de ausência e cansaço



Ronaldo Cagiano  
nasceu em Cataguases (MG), em 15/4/61. Reside em Brasília desde 1979. Formado em Direito pela UDF, é funcionário da Caixa, atualmente cedido à Câmara dos Deputados. Colabora em diversos jornais do Brasil e exterior, publicando artigos, ensaios, crítica literária, poesia e contos, tendo sido premiado em alguns certames literários. Obteve 1º lugar no concurso Bolsa Brasília de Produção Literária 2001 com o livro de contos Dezembro indigesto.

RONALDO CAGIANO

# SO(M)BRAS

Escuto o meu rio:  
é uma cobra  
de água andando  
por dentro de meu olhar.

Manoel de Barros



Vejo o rio que corre  
em Cataguases  
- é o mesmo vário rio  
que (es)corre em mim:

educando-me pelas encostas  
com lições de cheias  
e úmida cartilha de enfados.

O exemplo da água que f(l)ui,  
com sua impessoalidade e inconcretude  
crava-me um sertão nas entranhas.

E um acúmulo de pedra nas vísceras  
embrenha na alma tantos eus.

Essa sombra, essas sobras  
bóiam indigentes, como um feto  
em placentária  
clandestinidade.

# Terra nossa,

## céu para todos

TÂNIA ROCHA

O gado lembra  
A terra não dividida

Tinha mais osso, do que carne na vida  
Olhei para meus filhos, agonizando na fome  
Olhei para o alto e disse: "Meu Deus, como é egoista,  
O bicho homem..."

Quanta terra neste Brasil, neste Nordeste de "ninguém"!!!  
Por causa deste egoísmo, a desgraça vem  
Agora é racionamento de energia.  
O grilo não canta mais

Vou lutar pela reforma agrária  
Com fome voraz

Não quero ver meus filhos passando frio  
Quero sair dos acampamentos

Quero um pedaço de chão, chega de sofrimento...  
Eu lembro de minha avó

Dizendo que na Bíblia estava a verdade  
Moisés com aquele povo, no Egito com vontade

Deu exemplo a Josué e Calebe e chegaram na terra prometida  
Tomaram posse da terra, pois Deus estava com eles  
Na jornada, na luta, na fome e na sede

É preciso andar no deserto para tomar posse da terra  
Que mana leite e mel, apesar das seqüelas

Não desista, trabalhador,  
Quando cansar olhe para os céus

De lá vêm misteriosas forças  
Mas, lembre-se que aqui é tudo passageiro,

Nem tudo é fel, nem tudo é mel  
Entrega teu caminho ao Senhor que o mais ele fará

Terra aqui e lugar para tua alma tu terás  
Lá não tem carabinas, nem latifundiário  
Só amor, paz e alegria

E um rei libertário  
Que dá a terra pra quem crer no seu caminho e não nos  
Atalhos...



Tânia Rocha  
é jornalista. (Este  
poema fará parte  
do livro O doce-  
amargo.)

VALDIMIR DINIZ

## ME DÁ O TOM

**O tom** reinante musical dançante de que qualquer coisa alucinante se mostrara mais adiante

**O tom** eufórico discursivo gongórico de que o passivo é retórico e ativo é o militante

**O tom** caudaloso prevendo um futuro perigoso faz do permitido o audacioso e todos vão em gozo

**O tom** escaldante de que a praça é excitante com o toque mais brilhante da guitarra dissonante

**O tom** delirante do novo com o governante no lugar do povo e o povo sobre as costas do governante

**O tom** revolucionário do malandro devolvendo pro otário o que lhe roubou do salário

**O tom** sexual da política com o corpo te põe de borco na trama de que é bom de cama

**O tom** mágico de que clic clac vapt vupt é tudo um truque vai tudo bem para quem usar o muque

**O tom** caótico gestual exótico de que o país é um pórtico gótico e que tudo mais é um golpe ótico

**O tom** paternalizante da possibilidade adiante com a capacidade da formiga e a sutileza do elefante

**O tom** carismático de que se pode num átimo sobre o povo asmático dos trópicos ao ártico

**O tom** util que ninguém viu na puta que nos pariu nesse país com céu de anil

Tudo isso de repente tudo isso simplesmente

"Valdimir cabeça de leão e um  
passarinho em vez de coração".

Essa definição de Valdimir

Diniz, um dos mais importantes  
poetas de Brasília da década de  
70, morto tragicamente em  
meados dos anos 80, é do seu

irmão-em-poesia Carlos  
Henrique. Para o escritor

Fernando Sabino, ele foi "uma  
das mais completas expressões  
de poeta da sua geração. Ele  
vinha a constituir uma das mais  
preciosas espécies de poetas  
existentes neste mundo: a  
daqueles cuja poesia não nascia  
de sua inteligência privilegiada,  
mas vinha aos borbotões  
diretamente de seu coração".

## Futura saudade

PRESS ENTE

perco às pressas  
pelo dia  
frases soltas  
de quem fui  
de quem seria

pensamentos  
se despregam  
soltos, soltos  
me esvaziam  
passam em ventos

folhas soltas  
noticiam  
passamentos

Maria Maia,  
escritora e artista da  
imagem, vem  
publicando poemas em  
antologias como Mais  
uns, Espelhos da palavra  
e Entre séculos. Um dos  
seus maiores prazeres  
estéticos é filmar,  
documentar e editar  
suas imagens. O vídeo  
faz parte da sua  
linguagem.



cheia da terra subo sem véus ao paraíso  
o desejo expande a alma na morte  
mas não há corpo no céu

cheia de Deus no céu nacarado  
os sinos, os coros, a perfeição me esbulham  
falta-me o corpo da palavra impura

a saudade invade a alma descarnada  
cheia da terra e de Deus  
cheia de Nada

## Quassação

um traço de vagueza pende rude  
sim, não: sou esférica incerteza áspera de espera  
“a essência das coisas ama ocultar-se”

para melhor extraí-la vou quebrar-me:  
quebra-pedra,  
jejum, verso, quebranto

sou o que pude  
tudo em que me desmancho  
rio que corre para nenhum canto  
Beatriz sem paraíso  
emblema borgeano  
obscuro em desencanto

## horro sobre a grama

(Do livro  
*Olhos de bandido*)



DINA BRANDÃO

# Proibido fumar o cac

**Eudoro Augusto** publicou seus primeiros poemas no jornal Correio Braziliense, ainda nos anos 60. Publicou vários livros, como *O misterioso ladrão de Tenerife*, *A vida alheia*, *Dia sim, dia não*, *Carnaval*, *Cabeças* e *O desejo e o deserto*. Publicou, em 2001, o livro *Olhos de bandido*, de onde foi extraído o poema "Placa". Ainda permanecem inéditos os livros *As narinas de Afrodite* e *Clarabóia*.



DF LETRAS



**Dina Brandão**, nascida no Rio de Janeiro na década de 50, chegou a Brasília no final dos anos 60. Seqüestrada de seu habitat natural, acabou se adaptando à falta de praias e esquinas. Autora de dois livros inéditos, um de poesias e outro de cartas sem destinatários, todos guardados na gaveta da memória, procura um editor forte, bonito de alma, portentoso e inteligente, que queira publicar seus delírios. Atriz de teatro, sempre sonhou em fazer cinema, esperando que um Almodóvar a convide. Enquanto isso, vai fazendo intervenções poéticas pelos cantos da cidade.

DF LETRAS

*Hoje te libertarei  
Do meu amor que te escrava  
Te darei carta de alforria  
Para que a apresentes  
A quem tu queiras amar  
Sem a sombra triste do meu amor  
Que ficou sem par.  
Em nome do Amor  
Abro mão do meu amor  
Que te persegue e me aprisiona  
Que te destrata porque não te tem  
Me maltrata, me mantém refém  
E carcereira  
De um amor que me tortura e te quer bem  
E como loucura busca em ti  
Um amor que por mim tens.*

*Hoje te libertarei  
Do meu amor que te incomoda  
Te pedirei em troca  
Um carinho fingido  
Um beijo de cinema  
Um abraço demorado  
Um bolero como tema  
De um amor apaixonado  
E quando acabar a cena  
Daremos o último trago  
Do meu amor viciado  
Bebamos vinho!!!  
Brindaremos a liberdade  
Embriagarei minha vontade  
Reinventarei meu caminho  
Herdarás o meu silêncio  
E o eco de minha alma agora ímpar  
Sussurrando com o vento:  
Te amo  
Te amo  
Te deixo  
Te esqueço  
Me encontro.*

# LONTRA

JOSÉ EDSON DOS SANTOS

A textura de tua epiderme  
anágua de alumbramento

Seios do onírico

Um pássaro impávido  
empalhado na escrivaninha

A inquietude do sábado  
deglute bolinho de primavera  
signos de um ideograma poundiano

Você também Lontra  
um gol anulado  
sexy lady das sextas  
um incenso na omoplata

A paixão rabisca  
a gramática do corpo impresso  
Bêbedo de amor  
trituro a couraça da madrugada

Adoro o teatro do teu umbigo...

José Edson dos Santos é professor, poeta e contista. Nasceu em Macapá (AP) onde estreou, em 1972, com o livro Xarda misturada, em co-autoria com José Montoril e Ray Cunha. Em 95 publicou Bolero em noite cinza (poemas) pela Da Anta Casa Editora. Participou de diversas antologias de poesia - Poemas - e de contos, sendo premiado nesta categoria em vários concursos do Sindicato dos Professores no DF.

A N G E L A B R A N D Ã O

O QUE É FÍSICO JÁ NÃO É MATEMÁTICO

VEJO A LEI DA NATUREZA AMEAÇADA

PORQUE TUDO MOVE SE NÃO FAZES NADA

E SE FAZES, EIS O MUNDO TODO ESTÁTICO.

EU QUE TINHA NA RAZÃO UMA ALIADA

ERA A IMAGEM DE UMA DONA COMEDIDA

RESTO AGORA UNHAS, DENTES E SALIVA

COMO UM BICHO, DE CIÊNCIA ATROFIADA.

MAS O MEDO, AH, O MEDO É INSTINTIVO

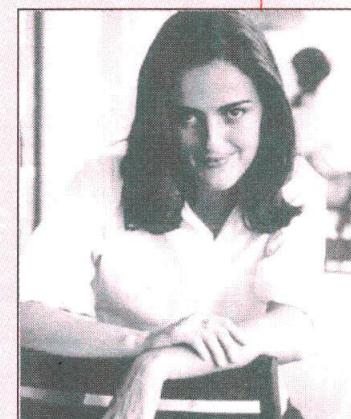
E É POR ISSO QUE ME ESCONDO, QUE ME ESQUIVO

PRA QUE NUNCA ME DESCUBRAS FRACA E BOBA.

SE A MULHER QUE EU ERA ANTES TE ATRAIU

FINJO AINDA PODER SER FRIA E VIL

COMO OVELHA SOB A PELE DE UMA LOBA.



Angela Brandão é mineira, de Juiz de Fora. Chegou a Brasília nos idos de 1997 para exercer o jornalismo, profissão que hoje exerce na TV Senado. A paixão pela literatura vem de longe, da infância mesmo. Só que essa paixão foi roubada pela música. Poetisa inédita, agora lida mais com a arte de escrever letras e músicas.

AMNERES

# DEUS

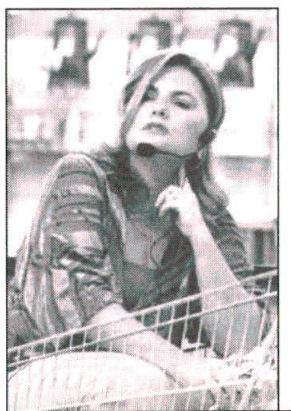
(do livro *Razão do Poema*)

Por que sexo  
Parece morte?  
Por que gemidos de amor  
Acendem dor,  
Sons guturais,  
Caos, ais?

Por que vento faz sonhar?  
Por que içar velas,  
Alçar vôos,  
Partir?  
Por que ímpar,  
Quando o amor é par?

Por que ir  
Nos traz ficar  
E estar, seguir?  
Por que devanear,  
Desesperar-se  
Com o que há de vir?

Por que cair,  
Negar, temer,  
Se há que morrer,  
Se há que não ser  
Para ser,  
Se a eternidade é o fim?



**Amneres**, diz o poeta Ronaldo Cagiano, "vem de uma experiência poética de longa data, já reconhecida nos meios literários de Brasília com um trabalho que cresce a cada nova safra. Em seu quarto livro propõe, em meio ao tumulto das paixões humanas e das contingências da vida moderna, uma leitura feminina (e não feminista!) das tensões cotidianas, na busca do sentido da vida. Por isso a *Razão do Poema*, que dá título ao livro e coloca a existência como metáfora.

# ÊXODOS

(Inéditos)

Perigo no escuro  
Perigo nos guetos  
Perigo nas sombras  
Habitando os becos

Perigo nos olhos  
Velados de medo  
Na fome, na fome  
Roendo o sossego

Perigo no escombro  
No sonho desfeito  
Na dor do abandono  
No tiro no peito.

**Deborah Campos**  
é formada em Letras e  
mestranda em Literatura  
Brasileira pela UnB. Publicou  
versos na DF Letras e ama  
Pirenópolis, sua fonte  
inspiradora.

# O lençol

DEBORAH CAMPOS

O lençol é o lar dos amantes  
O lençol é o luar dos amantes  
Lençóis são ribeiros nos campos  
Lençóis são velas nos barcos dos amantes  
Velas brumas, sonho no céu  
Lençóis lençam  
Lençóis linguam

Lua cheia  
Lençóis na varanda  
O amado se foi

Lençóis na varanda  
O amor partiu

Lençóis são línguas de algodão e seda  
Para os corpos dos amantes

Volutas barrocas  
Voluptuosas camas levitam

Lençol lince luar  
O mar dele sou eu

Brancos lençóis  
Pureza original da terra

À terra lençóis aparam  
Crianças em redemoinhos  
Que como anjos levitam

# Outros mares

CLOVIS SENA



*Clovis Sena é jornalista, poeta premiado e crítico de cinema. Escreveu, entre outros livros, o Fronteira Centro-Oeste, onde aponta em 300 páginas a possibilidade de o Centro-Oeste passar a ser o novo Eldorado brasileiro.*

Mare Nostrum agora é o Atlântico  
apelidado também Mar de Sargaços  
água para onde aquela Rainha  
de Cartago  
determinara aos da esquadra  
navegassem ainda para lá das Colunas  
e além  
e às partes meridionais  
municípios de olhares-sondas  
mesmo de frente fundo e perfil

nesse verdadeiro  
mar bem mais  
nesse mar e perante suas nações  
a embaixada celebra tratados  
até lá pelas praias  
na oriental orla ocidental

ilhas de solo apto  
solo-útero à vida.  
sol-da-manhã  
enseadas e porto natural  
peixes de fúria apascentada  
água limítrofes

e as águas nas rotas de passagem  
onde laçam-cavalgam-se baleias  
dança-se galope à beira-mar

no balé sobre a  
crosta da Terra  
canta e sobrevoa e labora  
a gralha azul –  
esse pássaro tirou patente  
assumira-se plantador de árvores



# Vergonha

“O horror de todo mundo ser privilegiado  
é a tristeza de já não haver privilégio.”

Luis Carlos Lisboa

GISELE LEMPER

Isso realmente é uma vergonha!

Gritou o cacique brasileiro para o Papa João Paulo Segundo, quando de sua visita ao Brasil, na frente das câmeras de televisão.

Desabafou: - É uma vergonha a falta de respeito pela vida dos indígenas, clamou o índio comovido.

Desesperado, contou com o socorro da divina intercessão, providencial, para seu povo vermelho, guerreiro, acuado nos aldeamentos, terra de ninguém, casa da mãe Joana.

Vítima do preconceito mais violento, à mercê da covardia dos invasores, com suas armas sofisticadas, missionárias, intolerantes.

Berço de uma raça condenada ao extermínio da sua cultura, suas tradições, a essência espiritual que ensina liberdade e reverência.

É uma vergonha - desabafou o índio sua indignação para o Papa, via satélite – e nós apenas assistimos, sem interferir.

Porque, infelizmente, sabemos muito bem que a sujeição à violência e a insegurança, hoje em dia, em qualquer lugar do mundo,

não é privilégio de ninguém.



*Gisele Lemper, carioca, leonina, autodidata, atriz. Reside em Brasília desde 1961. Escreve e faz teatro desde 1964. Tem um livro editado em 1999, produção independente, com o poeta Marcos Pacheco: DUO, confluência de sonhos, onde publicou os poemas do livro Estrela do Oriente.*



**Benício  
Tavares**  
PTB

Ao analisarmos a questão de Brasília como

Patrimônio Cultural da Humanidade, observamos duas posições: a dos que não concordam que a cidade fique numa "cristaleira" e a dos que entendem ser essa a única via para preservar a qualidade de vida da população. Brasília, como cidade planejada, transbordou das pranchetas de seus criadores por força de corrente migratória e do peculiar processo de adaptação de seus habitantes. Nesse contexto, temos de ter bom senso e equilíbrio para garantir o título de Patrimônio da Humanidade, sem perder de vista a administração de seu crescimento e desenvolvimento. A Câmara Legislativa é o fórum ideal para discutirmos tais soluções, sem deformar o arcabouço que presidiu sua criação.



**José  
Rajão**  
PSDB

Muito mais que a implantação audaciosa de uma capital em pleno Planalto Central, Brasília foi projetada e planejada como modelo para servir de exemplo a um país em desenvolvimento, com previsão de 500 a 700 mil habitantes para o ano de 2050. Mas Brasília cresceu e hoje ultrapassa os 2 milhões de habitantes. Isso é algo que me preocupa, porque penso no bem-estar da população. É preciso instalar bem seus habitantes e dar-lhes segurança.

A cidade tem personalidade ímpar, fruto do urbanismo moderno, de força incontestável. Como deputado distrital, meu compromisso é assegurar cidadania a todos. Vamos pensar nisso!



**Chico  
Floresta**  
PT

A defesa da qualidade de vida da

população do Distrito Federal sempre foi uma de minhas maiores preocupações. Nossa cidade está em risco de perder o título de Patrimônio Histórico, em decorrência das ações que comprometem seu ordenamento urbano e lhe provocam sérios danos ambientais. Medidas que alteram a destinação de áreas sem o devido estudo de impacto ambiental e demográfico acabam por descharacterizar o projeto urbanístico de Brasília. Não podemos enxergar a cidade somente no presente. Devemos pensar no futuro que deixaremos para nossos filhos, nosso maior patrimônio.



**Gim  
Argello**  
PMDB

Brasília é um bem cultural. De ponto isolado e ermo do Planalto Central, em 1960, ela deixou o provincialismo e ganhou o perfil e a responsabilidade de abrigar o centro das decisões nacionais e acalantar os ideais dos migrantes. Sem exageros, podemos dizer que essa atraente senhora de 41 anos hoje avança no sentido de aglutinar empreendimentos, contribuindo para a esferescência de toda a região Centro-Oeste. Mas há uma indagação no ar: como fomentar o crescimento de Brasília, sem, no entanto, ameaçar-lhe o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade? Construí-la foi um ato de coragem, mas preservá-la é um ato de sobrevivência. Essa é a nossa missão.



**José  
Edmar**  
PMDB

Embora alguns tecnoratas e pessimistas de ocasião digam que Brasília é isso ou aquilo e que pode perder o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, o mundo todo pode constatar, por meio da ONU, que por aqui nem tudo está perdido. A cidade continua preservada, graças ao empenho de seus governantes e idealizadores. No auge dos seus 40 anos de existência, Brasília já aprendeu a conviver com os problemas, adaptando-se à realidade dos seus habitantes. Seu destino é o crescimento. O padre Dom Bosco sonhou com uma terra no Planalto Central que jorrava leite e mel. Essa terra é Brasília, e disso ninguém pode duvidar.



**José  
Tatico**  
PSD

Somos construtores de sonhos, sonhos idealizados pelo eterno presidente Juscelino Kubitschek, os quais hoje devemos preservar como a melhor herança. Brasília foi a mais arrojada obra de urbanismo e arquitetura em âmbito mundial do século XX e tornou-nos conhecidos como patrimônio histórico.

Mas muito além de obras, espaços, palácios e esculturas, o valor de nossa jovem cidade está em ser politizada e ser palco de manifestações nacionais que decidem os rumos da sociedade brasileira. É nesse contexto que estamos inseridos, deputados distritais desta Casa de leis. A JK coube o sonho de idealizar e concretizar Brasília. A nós, cabe o sonho de trazer emprego, saúde, educação, cultura e cidadania aos brasilienses.

**Wasny  
de Roure**  
PT

O fato de Brasília ser Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade veio consolidar nosso potencial artístico e cultural, fazendo do projeto original do Plano Piloto de Brasília exemplo do urbanismo contemporâneo, projeto vivo de uma cidade-jardim, transcendendo fronteiras, levando nossa cultura urbanística ao resto do mundo. Assim, nossa capacidade criativa tem sido reconhecida e respeitada.

Entretanto, vários fatores estão ameaçando essa condição e colocando em risco o tombamento de Brasília. A conscientização da sociedade talvez seja a única forma de redirecionar as ações que colocam em risco a preservação de nossa capital. Que cidade queremos para nós e nossas famílias?

Visite nosso plenário.

**DF**

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**CÂMARA LEGISLATIVA**

Ano II nº 10

# Brasília



**Patrimônio  
cultural da  
humanidade**

Brasília, nosso Patrimônio Cultural da Humanidade – título concedido pela Unesco por fazer parte de um reduzido grupo de cidades –, é uma cidade de todos os brasileiros, poética, mística e madura, fruto de trabalho, poder e esperança.

Mas, entre tantos sentimentos emanados pela sociedade, há um clamor de preocupação em torno da preservação de Brasília. Discute-se com dinamismo os rumos futuros da capital brasileira.

Nada mais justo e democrático do que os cuidados da população e de suas lideranças com a cidade onde vivem. Todo projeto político, social, ecológico, urbanístico e cultural, em Brasília, deve ter como principal objetivo melhorar a qualidade de vida da população sem, no entanto, desfigurá-la.

A Câmara Legislativa do DF passa a ser o centro dos debates sobre a preservação de Brasília, como patrimônio cultural da humanidade. Afinal, vivemos em uma das cidades mais lindas e fraternas do planeta. Brasília não pode ser degradada, descharacterizada, desarmonizada.

É uma obra-prima arquitetônica e que possui uma equilibrada convivência social. O traço mágico de Lúcio Costa e as curvas dos palácios construídos por Oscar Niemeyer são importantes matrizes da cultura brasileira que nosso povo orgulhosamente aprecia.

Mas a importância da nossa cidade não é somente estética. É acima de tudo social e econômica: Brasília passou a ser um centro de desenvolvimento de toda a região Centro-Oeste. A sociedade brasiliense alcança neste início do século XXI a maturidade das grandes metrópoles do mundo sem, no entanto, perder o vigor de uma cidade jovem sedenta de novas conquistas.

ENCARTE DA DF LETRAS

**César Lacerda**

PTB

Brasília nasceu para brilhar. Prova disso é que nenhuma cidade conquistou tão cedo o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Construída para abrigar a sede do poder, a nova Capital da República conseguiu muito mais que isso, pois, diferente do que desejavam seus idealizadores, tornou-se uma cidade viva, pujante e despertou em seus moradores o amor por sua revolucionária conceção urbanística e arquitetônica. Cheguei em Brasília em 1957. Sou pionero de primeira hora. Portanto, devo dizer que tenho orgulho da cidade que ajudei a construir e que jamais aceitaria qualquer tipo de agressão contra a sua conceção original. Brasília é o exemplo vivo da capacidade humana de construir o belo. É a amada que nos despe o lençol da alma e abre as janelas de nossos olhos para que possamos vislumbrar suas curvas suaves espalhadas harmoniosamente pela imensidão do Planalto Central.

**Rodrigo Rollemberg**

PSB

Leve, bela e simples, como a vida tem que ser... Assim é Brasília, que nos ensina a difícil lição da humildade, espelhada no traçado preciso, na arquitetura não ostensiva: concreto, ferro e... asas! Eleita, tão jovem, Patrimônio Cultural da Humanidade, simboliza a utopia possível, fala do sonho da cidade compartilhada. O sonho, porém, deixa-se contaminar pelo movimento uniformizador da sociedade capitalista, que condene ao esquecimento os espaços significantes de nossa cartografia afetiva. Temo que nosso legado seja uma cidade sem rastros e sem história, caso não recuperemos a tempo a arte de vela e de frui-la. Filho apaixonado destes espaços abertos, com eles confundo meu olhar e minha existência e luto para perpetuá-los para as futuras gerações.

**Aguinaldo de Jesus**

PFL

Preservar Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade é um exemplo a ser seguido. Com apenas 41 anos, já é considerada uma das cidades mais modernas do mundo. Seus traçados urbanísticos e sua conceção futurística atraem visitantes de todos os cantos do planeta.

**Wilson Lima**

PSD

Brasília, Patrimônio da Humanidade, é um exemplo e orgulho para todos nós. Fantástica e monumental criação dos geniais Oscar Niemeyer e Lúcio Costa que, ao contarem com o heneplácito do estadista Juscelino Kubitschek de Oliveira, deram-se as mãos a esta obra gigantesca, ímpar no mundo. Desde sua inauguração em 1960, tem atraído os mais exigentes olhares, embevecidos com suas formas arrojadas e seus traços de modernidade. Com todas essas evidências, a cidade sempre se apresentou talhada para, mais cedo ou mais tarde, se tornar Patrimônio Cultural e Artístico da Humanidade e, felizmente, isto não demorou a ocorrer. Hoje, temos esta responsabilidade e a obrigação de protegê-la e amá-la cada vez mais.

**Maria José Maninha**

PT

Passados 13 anos do tombamento de Brasília, a cidade se vê ameaçada tanto por pequenos delitos - pequenas invasões de área pública - quanto pela sanha de grandes especuladores e grileiros, que amealham fortunas explorando a terra pública. É bastante ténue a linha divisória que permite a preservação da cidade-monumento e, ao mesmo tempo, alguma flexibilidade para o adequado crescimento de uma cidade viva. É preciso uma atitude energética do governo do DF para combater a grilagem e fiscalizar as ocupações irregulares, o que infelizmente não vem ocorrendo. Só um organismo com poder de polícia pode impedir que Brasília fique à mercê de governantes que agem em função de interesses imediatos, pondo em risco o futuro da cidade e de seus moradores.

**Nijed Zakhour**

PMDB

Antes de ser patrimônio cultural de toda a humanidade, Brasília é meu patrimônio; aqui depositei minha vida, meus frutos, minha honra e minha dignidade. Legado de um sonho de todos os brasileiros desde o Brasil colônia, Brasília tornou-se realidade através da coragem de Juscelino e seus fiéis escudeiros: governador José Ludovico, vice-governador Bernardo Sayão, deputado Santiago Dantas, deputado Emílio Caiado, deputado Israel Pinheiro, coronel Ernesto Silva, arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa, juntamente com todos os cidadãos e pioneiros. Sede de 2 milhões de cidadãos, capital de 170 milhões de brasileiros, famintos por justiça - pobres, doentes e em estado de miséria, mas cheios de esperança -, convictos de que um dia sairá justiça deste Distrito Federal, quando então se tornará um manancial de prosperidade (leite e mel) para toda a nação e o mundo.

**Edimar Pireneus**

PTB

A preservação de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade é uma exigência feita pela sociedade brasileira, pelos meios de comunicação e categorias profissionais, mas é, sobretudo, um compromisso político dos representantes do povo no Poder Legislativo. Com o objetivo de atender essa exigência da população é que fiz a proposta de que todas as leis de alteração ou destinação de área sejam primeiramente discutidas e aprovadas pelo serviço do Patrimônio Público Federal e pelos órgãos técnicos responsáveis pela preservação da nossa cidade.

**Paulo Tadeu**

PT

Morar em Brasília é, sem dúvida, um privilégio. Uma cidade de muitos personagens, onde as diversas culturas do país e do mundo se encontram, formando um povo de muitas raças. Um lugar de beleza única, ameaçado pela descaracterização. Brasília abriga, hoje, mais que o dobro de pessoas previsto no início da construção, o que fez com que o espaço tomasse novas formas na tentativa de abrigar a todos. É importante lembrar o dever da manutenção de uma cidade tombada como Patrimônio da Humanidade. E quando falamos em manutenção, falamos no dever de zelar pela boa utilização das áreas públicas, mantendo o verde e as áreas de lazer, tão valorizadas pelo projeto original. Não basta amar a cidade, é preciso lutar para que Brasília seja, efetivamente, um Patrimônio Cultural da Humanidade.

**João Carlos**

PPB

Brasília - Capital de todos os brasileiros, exemplo e orgulho para todos nós. Fantástica e monumental criação dos geniais Oscar Niemeyer e Lúcio Costa que, ao contarem com o heneplácito do estadista Juscelino Kubitschek de Oliveira, deram-se as mãos a esta obra gigantesca, ímpar no mundo. Desde sua inauguração em 1960, tem atraído os mais exigentes olhares, embevecidos com suas formas arrojadas e seus traços de modernidade. Com todas essas evidências, a cidade sempre se apresentou talhada para, mais cedo ou mais tarde, se tornar Patrimônio Cultural e Artístico da Humanidade e, felizmente, isto não demorou a ocorrer. Hoje, temos esta responsabilidade e a obrigação de protegê-la e amá-la cada vez mais.

**Jorge Cauhy**

PFL

Cabe a cada um de nós manter vivo o sonho de Juscelino Kubitschek, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e de todos os que ajudaram a fazer de Brasília uma cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. Para isso é necessário um esforço de todo brasiliense no sentido de corrigir possíveis falhas na política de ordenamento territorial que possam comprometer o tombamento e o meio ambiente. Para resolver os problemas que afligem o DF, a sociedade elegerá democraticamente 24 deputados distritais, que são os representantes legítimos da sociedade. Como tal, devem ser açãoados para encontrar as respostas exigidas pela comunidade.

**João de Deus**

PPB

O maior patrimônio de um país é o seu povo, e as suas cidades também. Brasília, a bela Capital do nosso país, inteiramente concebida para ser construída, é um mosaico de raças, culturas e características dos habitantes de todas as regiões do Brasil. É o quadrilátero mais democrático e representativo deste imenso país, e, à medida que vai se consolidando, vai mostrando como será o Brasil do futuro. Isso é possível graças ao povo que a construiu, especialmente seus primeiros trabalhadores, os heróicos cidadãos, pois com eles vieram não só a necessária força de trabalho, como também os primeiros traços culturais que compõem a beleza multicolor de Brasília.

**Carlos Xavier**

PSD

Brasília, aos olhos de muitos, é considerada apenas a Capital política e administrativa de nosso querido país, mas, a nosso ver, ela representa muito mais. Nossa cidade, que foi idealizada e construída no alvorecer da década de 60 por homens como nosso saudoso presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, continua além de seu tempo. Brasília nasceu não somente para ser a capital de uma grande nação. Com suas linhas arquitetônicas arrojadas, veio abrigar em suas asas, calorosamente, todos os que, com o mesmo espírito desafiador, contribuíram para que ela se tornasse Patrimônio Cultural da Humanidade.

**Silvio Linhares**

PMDB

Quero denunciar o que considero uma agressão à cultura: quase foram parar no lixo os desenhos do sambódromo de Brasília, assinados por Oscar Niemeyer. E, aqui, registro a perspicácia do sambista Manoel Brigadeiro que, na ocasião, conseguiu salvar toda a papelada. O episódio pode virar tema de carnaval. Alguns dos documentos que acompanhavam os desenhos tinham data de quando Brasília era governada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Agora que tive acesso aos papéis, reivindiquei a construção do sambódromo através da Câmara Legislativa (conforme texto de Lei Complementar nº 920/01, já aprovado na Comissão de Assuntos Fundiários). Sou folião e me dedico à tarefa de concretizar o sambódromo como um dos marcos culturais da cidade.

**Alírio Neto**

PPS

Um dos motivos de orgulho para nós brasilienses é saber que moramos numa cidade, dentre pouquíssimas do mundo e do Brasil, que detém o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Agora, diante da degradação urbana e de notícias dando conta de que a nossa cidade está ameaçada de perder o honroso título, devemos, nós - principalmente os políticos -, moradores de todos os segmentos sociais, nos mobilizar em torno de uma cruzada cívica para preservar Brasília como patrimônio mundial e como uma das cidades de melhor qualidade de vida do planeta. Esta cruzada deve ser realizada agora, antes que venhamos a nos arrepender mais tarde. O alerta já foi dado pela Unesco. É necessário que a discussão em torno da manutenção do tombamento de Brasília saia dos simpósios e ganhe as escolas e as ruas. Como representante da população na Câmara Legislativa, estou imbuído deste propósito.

**Anilcélia Machado**

PSDB

A beleza e a leveza do traço de Oscar Niemeyer, associadas à genialidade de Lúcio Costa e à determinação de Juscelino Kubitschek, nos reservaram uma das suas potencialidades. O maior desafio que enfrentamos, no entanto, é o de crescer sem alterar seu projeto original. Não podemos defender a "mumificação" da cidade, que é muito nova e ainda está sendo construída. Alterações devem ser admitidas com planejamento, sempre justificadas. É preciso conscientizar e ampliar a participação popular, para que possamos crescer sem perder a identidade. É fundamental conhecer a história e o plano original da cidade porque, antes de ser patrimônio mundial, Brasília é patrimônio de todos nós.

**Lucia Carvalho**

PT

O morador de Brasília ama a cidade e tem orgulho de viver nela. Brasília é uma cidade única em todo o mundo. O turismo é apenas uma das suas potencialidades. O maior desafio que enfrentamos, no entanto, é o de crescer sem alterar seu projeto original. Não podemos defender a "mumificação" da cidade, que é muito nova e ainda está sendo construída. Alterações devem ser admitidas com planejamento, sempre justificadas. É preciso conscientizar e ampliar a participação popular, para que possamos crescer sem perder a identidade. É fundamental conhecer a história e o plano original da cidade porque, antes de ser patrimônio mundial, Brasília é patrimônio de todos nós.